

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Dedim De Prosa Cadim De Memória

**Guarará - MG
Outubro de 2018**



PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

DEDIN DE PROSA CADIN DE MEMÓRIA

**Guarará, MG
2018**

APRESENTAÇÃO

Após meses de trabalho e dedicação por parte dos alunos do 8º e 9º Ano da Escola Municipal Ferreira Marques, no levantamento de informações acerca de fatos relacionados a contos, causos e histórias que se passaram na cidade de Guarará-MG há tempos atrás, trazemos para a sociedade o resultado dos esforços de todas as partes envolvidas nesta atividade referente ao resgate da memória histórica de nossa cidade.

Sabemos que o tempo passa para todos e a sua velocidade pode variar de acordo com as percepções e ocupações com que nos deparamos na vida cotidiana. Daí a necessidade de registrar os acontecimentos e histórias do passado que estão na lembrança de nossos cidadãos mais velhos. Vivenciamos a vida por etapas e um dia a memória humana cansa e se torna falha conforme a idade avança, o que é algo natural relacionado às limitações do ser humano. Com base nesse e em outros fatores que levam ao ceifar da vida aos poucos, torna-se importante o contato de nossos jovens com as pessoas mais velhas da cidade com o objetivo de registrar momentos nostálgicos do ontem em um pedaço de papel para que estas histórias fiquem guardadas para o futuro.

“O Dedin de Prosa, Cadin de Memória” procurou, na medida do possível, registrar momentos que ficaram marcados na vida de muitos cidadãos guararenses. O trabalho foi dividido em duas partes, sendo a primeira com textos de colaboradores e voluntários que foram convidados a participar do projeto e a segunda parte acrescida dos textos coletados pelos alunos em entrevistas com pessoas da comunidade. Os relatos que viraram textos foram marcados por lembranças boas, ruins e divertidas, de acordo com a situação vivenciada por cada pessoa. Alguns acontecimentos que nem imaginávamos vieram à tona através das entrevistas dos alunos com pessoas da cidade. A própria simplicidade da gente humilde de nossa terra fica marcada na forma como expressa as palavras para a anotação dos estudantes. Sem dúvida este material acrescenta momentos que ficarão registrados na História de Guarará para as próximas gerações. Todos têm o poder para perpetuar o passado na História do amanhã. Outro fator que considero muito proveitoso e importante é a interação de nossos jovens com as pessoas mais velhas. A apropriação de conhecimento gerado pela história oral traz progressos significativos quanto à perpetuação da memória histórica de um povo. Ação como essa aproxima escola, estudante e sociedade na construção e no resgate da memória de um lugar. Como vivemos numa sociedade globalizada marcada pela correria e uso incessante de mecanismos tecnológicos, uma ação como essa busca valorizar o contato e o diálogo entre pessoas de diferentes idades em busca de um objetivo comum: o resgate de histórias e acontecimentos do passado de nossa Guarará-MG.

Rodrigo Machado Alves, Historiador do Setor de Patrimônio Histórico e Cultural da Prefeitura Municipal de Guarará.
25 de outubro de 2018.

"A memória preservada não apena a cidade a se calar no silêncio de sua História..."

Luciano Spagnol - Poeta Mineiro do Cerrado

"A cultura de um povo é o seu maior Patrimônio. Preservá-la é resgatar a História, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato."

Nildo Lage

GUARARÁ DOS ANOS 30

Célio Ferreira da Fonseca

Faço hoje uma descrição sucinta da vida na cidade dos meus tempos de criança como preâmbulo para contar algumas histórias que lá vivi ou testemunhei e das quais me recordo com muitas saudades.

Naquele tempo televisão não existia; rádio poucas casas tinham. As visitas eram raras, porque todos se conheciam e, além disso, era costume, em algumas residências, colocarem-se cadeiras ou tamboretas em frente da casa e ali, no fim das tardes de calor, cumprimentar os transeuntes e apreciar o movimento na rua. E, às vezes, ver a banda passar.

Consequentemente, todo lazer se concentrava fora de casa; crianças jogavam futebol com bolas de pano, rodavam peões, jogavam bolinhas de gude, caçavam ou pegavam passarinhos e ao cair da noite brincavam de pique de esconder. Mas às 21 horas o recolhimento às casas era obrigatório para elas. Desta tarefa cuidavam os poucos policiais que eram temidos e respeitados pela comunidade.

Os adultos tinham de se contentar com o futebol - jogando-o ou assistindo aos jogos e treinos no campo do Guararense Futebol Clube -, ou com pescarias, caçadas, banhos nos ribeirões, açudes ou na represa da Ponte Seca situada nos limites de Bicas.

Havia o cinema mudo na casa do Sr. Paulo Roque e mais tarde o cinema em Bicas era uma boa opção, pois cada dia passava um filme diferente, já que tendo poucos assistentes, não dava para repetir os filmes como acontece nas grandes cidades.

O lazer limitado favorecia a prática religiosa. As missas eram mais concorridas e as três igrejas da cidade - Matriz no Centro, Capela de Nossa Senhora do Rosário no alto do Rosário e São Sebastião ao lado do Cemitério - recebiam mais atenção e eram mais frequentadas.

As celebrações eram imponentes e os sinos da Matriz dobravam tristemente quando, em procissão, amigos conduziam féretros ao longo da rua direita na direção do Cemitério, no alto da montanha, ao lado da Capela de São Sebastião.

Na escola, o imponente Grupo Escolar Ferreira Marques de Guarará, não havia aula às quartas-feiras e aos domingos. A Educação Moral e Cívica era bem cuidada por meio de matéria específica no currículo escolar e pela hora do canto, quando todos os alunos se concentravam no longo corredor de acesso a todas as salas de aula para cantar hinos patrióticos. Também se enfatizavam as datas cívicas por meio de peças teatrais com a participação dos alunos.

Carros e pequenos caminhões eram raríssimos; apenas alguns fazendeiros os possuíam. Bicicletas existiam também poucas, destacando-se a do Senhor Messias, eletricista funcionário da "Mineira", assim chamada a companhia de energia elétrica de então, a sempre lembrada Companhia Mineira de Eletricidade.

O mercado de trabalho ficava restrito à agricultura e pequenas atividades corriqueiras na cidade. Em consequência, a maior parte dos empregados de Guarará trabalhava em Bicas, na oficina da Estrada de Ferro Leopoldina Railway, para onde se deslocavam geralmente a pé, desprezando,

por falta de confiança ou de recurso financeiro, o velho ônibus que fazia esse percurso.

Existia um marmiteiro que se encarregava de levar o almoço dos trabalhadores em Bicas; existia também um estafeta que levava para Maripá, a pé, a correspondência que para lá chegava ao correio de Guarará; havia ainda o Luiz Carroceiro que ia, diariamente, em Bicas com sua carroça de bois para transportar encomendas que lá chegavam pela Leopoldina, destinadas a residentes em Guarará.

Não existiam médicos e nem hospitais; farmacêuticos práticos eram quem cuidava dos doentes; algumas donas de casa ostentavam um grosso volume com descrição de sintomas característicos das doenças mais comuns e a indicação homeopática para o devido tratamento. Os remédios ficavam em pequenos frascos acomodados num paralelepípedo de madeira com caprichosos orifícios para acondicionar os vidrinhos. Para doenças como pneumonia, crupe, apendicite e meningite, o remédio era se conformar com a morte do doente.

Era comum a passagem de carros de bois puxados por até cinco juntas (10 bois) transportando, para embarque em Bicas, produtos das fazendas do município. O peso da carga, geralmente sacos de café, provocava forte atrito nos eixos do carro, produzindo barulho característico semelhante a um cantar monótono.

Essas limitações serão melhor entendidas ao longo de histórias e casos que pretendemos contar sobre a vida na cidade do Divino Espírito Santo de Guarará nos anos 30.

GRUPO ESCOLAR FERREIRA MARQUES

Célio Ferreira da Fonseca

Muitas saudades eu tenho da cidade onde vivi grande parte da minha infância; e o meu querido Grupo Escolar ocupa lugar de destaque nestas saudades, porque não me canso de relembra fatos marcantes da minha vida na Escola Primária.

Poucas pessoas se dão conta da beleza do edifício que abriga a escola: com seus traços arquitetônicos e sua funcionalidade. Inaugurado em 1909, há mais de 100 anos, sua imponente fachada não encontra similar que eu conheça em qualquer outra cidade por onde tenho passado.

A escada central, ladeada por dois portões ao nível da rua, dava acesso ao que era, no meu tempo, o gabinete da diretora Dona Aida de Assis. Por ali só passavam raras visitas, para as quais se abriam a porta frontal que permanecia fechada durante as aulas. Era também nesse local que as professoras colocavam de castigo qualquer aluno que cometesse alguma falta grave; sob os olhares ameaçadores da diretora, de pé durante meia hora ou mais, todos se comportavam adequadamente para não enfrentarem aquele desconforto.

Pelos portões laterais entravam as meninas pelo lado direito que era controlado pela Dona Pepina e nós, os meninos, pelo lado esquerdo, que era controlado pelo Sinhô. No trajeto até a entrada que se fazia pelos fundos do edifício passávamos ao longo dos pátios onde brincávamos durante o recreio; as meninas sempre separadas dos meninos.

Internamente o extenso e largo corredor que dava acesso a todas as salas de aula era o local onde diariamente se reuniam todos os alunos para a "hora do canto" comandada no piano pela Dona Luizinha.

Além dos hinos patrióticos como o Hino Nacional, Hino à Bandeira e tantos outros que ali aprendi a cantar, nunca me esqueci de um canto que tinha o seguinte verso:

*"Lá deixamos além nossas casas
Para irmos à escola aprender,
Nossos livros são aves sem asas
Que nos levam ao céu do saber."*

A Dona Luizinha, já de avançada idade, também cuidava do registro da presença de todos os alunos; para isso, portando um livro imenso, percorria todas as salas onde fazia a chamada. Cada aluno, ao ter o nome citado, respondia respeitosamente "presente". Se gritasse, ofendia a velha senhora que um dia me deu com seu livro na cabeça por ter respondido fora do padrão. Minha mãe, claro, não gostou do meu procedimento e também me repreendeu em casa.

No recreio, jogávamos futebol, bolinha de gude, pião e comíamos a merenda trazida de casa. Nunca soube o que faziam as meninas no pátio do lado delas. Talvez jogassem peteca ou brincassem de roda.

Os teatrinhos eram comuns. As professoras convocavam os alunos para representarem os diferentes papéis de uma peça e lhes passavam os textos para estudarem e decorarem em casa. As mães se encarregavam de costurar as vestes adequadas a cada papel. Resultou dessa prática um problema para mim: fui escolhido para representar o papel do Zequinha numa comédia denominada "No Ano de 2000". O tema versava sobre as transformações sociais que previam as mulheres no comando das famílias no ano de 2000.

Minha mãe costurou uma bela sainha para mim, o Zequinha, e ensinou-me a fazer crochê. E assim me apresentei no palco participando ativamente das atividades da casa sob o comando da Nilza Dutra que trajava um elegante terno branco com gravata, bengala, charuto e esbanjando autoridade.

A peça foi um sucesso e teve duas exposições; mas para mim foi um desastre, porque os meninos passaram a me chamar de "mocinha dengosa" e faziam as mais humilhantes chacotas. "Lá vem a Zequinha; olha gente. Cuidado no futebol; não maltratam a menininha". Embora pacato e pacífico, tive de enfrentar os meninos valentes do Guarará: O Vininho, o Tuninho da Sofia, o Dadá e o Osmar para acabar com a desagradável brincadeira.

Na próxima vez espero relatar o acontecimento mais importante da minha feliz passagem pela escola primária, neste monumento sagrado que mora no meu coração agradecido.

UM TESTEMUNHO SINCERO, OPORTUNO E AGRADECIDO

Célio Ferreira da Fonseca

No ano de 2009, quando se comemorava o centenário do Grupo Escolar Ferreira Marques de Guarará, fui identificado como o ex-aluno mais antigo dentre os visitantes que participavam daquele importante evento. Em razão disso, agradeceram-me com uma homenagem que muito me enaideceu,

causou-me intensa alegria e deu-me a oportunidade de poder, publicamente, dar um testemunho sincero e justo sobre a importância de uma professora primária.

Ao subir no palanque para receber uma lembrança do evento, decidi relatar um acontecimento que marcou indelevelmente meu futuro de criança sitiada numa pequena cidade, como muitas ao longo deste imenso e querido Brasil, onde as oportunidades de progresso são amplamente limitadas.

Em 1939, ano triste que marcou o início da 2ª guerra mundial, eu cursava o quarto ano primário; minha professora, Dona Laura Alvim Tostes, a Dona Laurinha como carinhosamente a chamávamos, decidiu apresentar aos seus alunos um jovem engenheiro que fazia uma rotineira inspeção das instalações do Grupo Escolar.

Muito simpático dentro de sua indumentária caqui própria ao trabalho que exercia naquele dia, o engenheiro descreveu sucintamente suas atividades no ramo da engenharia: grandes estruturas como pontes, estradas e túneis, complexos industriais, edifícios de vários andares e escolas como a nossa, de uma arquitetura avançada para o início do século, linda e confortável.

Atento a uma exposição tão interessante proferida por um profissional tão simpático e modesto, e maravilhado com a importância das obras executadas por engenheiros, tomei logo uma decisão que mudou meu comportamento a partir daquele momento: queria ser um engenheiro. Foi o que relatei para minha mãe tão logo cheguei a casa naquele dia.

Com a fisionomia triste e desesperançosa, ela me lembrou de que nossa cidade não tinha nem curso ginásial e longe estava a possibilidade financeira de me matricular num colégio interno, como faziam poucas famílias endinheiradas.

Firme no meu ideal, não me desestimulou o pronunciamento de minha mãe. O fato é que com aquele objetivo na cabeça tornei-me uma criança diferente dos meus coleguinhas, porque apesar da tenra idade, tinha um objetivo na vida e, sempre que possível, procurava leituras e acontecimentos que de alguma maneira versasse sobre a nobre profissão de engenheiro.

Os anos passaram e ao longo deles foi sempre crescente minha vocação. Por diferentes caminhos, dificuldades foram sendo superadas e oportunidades aproveitadas até que um dia cheguei a Escola Nacional de Engenharia no Rio de Janeiro, a então melhor escola de engenharia do Brasil.

Formado engenheiro em 1959, entrei por concurso na Petrobrás onde, depois de onze anos, por competência, fui escolhido para fazer mestrado em Engenharia de Petróleo nos Estados Unidos. Em apenas um ano tive minha tese aprovada. Aposentado, ainda trabalhei quinze anos em companhias estrangeiras e brasileiras, atingindo horizontes muito além daqueles que pudera imaginar.

Mas nunca esqueci a Dona Laurinha, minha dedicada e competente professora primária que, dentro daquela salinha de aula, a menor da minha escola, o Grupo Escolar Ferreira Marques de Guarará, despertou meu interesse pela profissão de Engenheiro.

A BANDA DE MÚSICA

Célio Ferreira da Fonseca

Saudade dos tempos em que o progresso ainda nos permitia sair para brincar ou passear nas ruas a procura de lazer hoje monopolizado pelos aparelhos eletrônicos que transportaram todas as atividades ao ar livre para dentro de casa!

Saudade daqueles tempos em que cada pequena cidade do interior tinha no meio do jardim da praça principal um coreto onde aos domingos uma Banda de música se reunia para fazer uma retreta. Aquelas mesmas bandas das quais um compositor brasileiro se lembrou descrevendo a sensação da moça na janela ao ver a banda passar.

Das alvoradas para despertar a população nos dias festivos. Daquela bandinha de crianças na qual, aos 11 anos de idade, iniciei minhas atividades musicais, tocando entusiasticamente o meu saxofone.

Era a Banda dos meninos que passou a existir por iniciativa do Padre Oscar de Oliveira e de membros da Prefeitura Municipal de Guarará. O Sr. Otavio de Carvalho foi indicado para ensinar Teoria Musical e Solfejos e, em seguida, distribuir instrumentos musicais com os meninos, de acordo com a capacidade de cada um. Todas as noites a turma se reunia no casarão ao fim da Rua Direita, junto da escadaria que na época levava ao Cemitério, no alto do morro ao lado da Igreja de São Sebastião. Estimulados por minha mãe, éramos três irmãos tocando na bandinha: Elizio, Vicente e eu.

Além das Alvoradas e Retretas, a Banda era frequentemente convidada para tocar em solenidades públicas, religiosas e particulares (Batizados, casamentos e outras celebrações).

Era grande o prestígio dos componentes da Banda, especialmente com as garotas; assim é que quando havia retreta, o pessoal do "footing" ia fazê-lo no jardim, onde as meninas paqueravam os músicos que nos intervalos eram liberados para dar uma voltinha no jardim. Os moradores da vizinhança traziam cadeiras para fora da casa para ouvirem a banda tocar e saudar os que perambulavam pela praça.

O "footing" era o local reservado nas pequenas cidades para o passeio noturno das garotas que caminhavam de braços dados (duas, três ou mais) enquanto os rapazes em pé ao longo da rua, exerciam uma divertida paquera da qual muitas vezes resultavam namoros firmes e até casamentos.

Os meninos mais acanhados, como eu, aproveitavam a oportunidade do "footing" para entregar à garota preferida um cartão impresso com os dizeres: "RIFA DO MEU CORAÇÃO QUE NUNCA AMOU, MAS QUE TE AMA PELA PRIMEIRA VEZ, DESESPERADAMENTE. A EXTRAÇÃO DAR-SE-Á PELA LOTERIA DO TEU CORAÇÃO NO DIA EM QUE DERES O SIM". Nos vértices superiores do cartão estavam de um lado o SIM e do outro o NÃO.

Não foram poucos os cartões que me devolveram com o cantinho do NÃO cuidadosamente dobrado, decepções às quais se junta o ocorrido em São Pedro do Pequeri onde fui com uma turma jogar futebol; aventurava-me num "footing" enquanto esperava o trem que levaria a turma de volta para Bicas. Depois de muita insistência dos colegas para que eu me declarasse a uma bela garota que sempre me olhava atentamente todas as vezes que passava com suas amigas, tomei a decisão de acompanhar o pequeno grupo e perguntei

acanhadamente para a menina: "Posso falar com você?", ao que ela prontamente respondeu: "Fala com meu pai; ele vem aí atrás".

Os meninos da Banda eram os melhores da cidade no jogo de futebol; o time da Banda era praticamente imbatível; treinávamos e jogávamos constantemente, mas o que mais gostávamos era das tocatas nas festas celebradas nas fazendas, porque um almoço ou jantar especial era servido para os músicos.

Belas lembranças ficaram daquele tempo, mas entre elas uma triste recordação. Aconteceu por ocasião da inauguração do Teatro Municipal de Guarará; a Banda tocava em frente ao prédio, como sempre dirigida pelo maestro Otávio de Carvalho. Foi quando sua mãe escura, já velhinha, teve sua entrada no teatro proibida em razão de sua cor. O filho perdeu o controle atirando-se ao chão e, socando-se, dizia em altas vozes "Eu devia morrer.". Não foi fácil contê-lo no seu desespero; e para nós foi uma lição: apesar da tenra idade, vimos um exemplo vivo do que pode resultar dos preconceitos de cor.

Resultou da singela experiência musical o desejo de estudar música seriamente. A pequena semente ficou ali plantada e germinou tão logo encontrou condições favoráveis ao longo das minhas aventuras que vieram a ocorrer muitos anos depois, na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim vai a foto da minha bandinha. Ali se vê o Sr. Otavio (isolado à esquerda do grupo), regente, e os dois remanescentes da família Ferreira da Fonseca, (dois primeiros a partir da esquerda na coluna da frente): eu com meu saxofone, o único sem o bibico, pois que o detestava, assim como também o uniforme caqui e o Elizio com seu trombone. Por razões que não me lembro, não aparece o Vicente que batia o bombo tocado naquele dia pelo Sr. Otávio.



Da esquerda para a direita: Sr. Otávio de Carvalho (maestro), Célio Ferreira da Fonseca, Elizio Ferreira da Fonseca, Nerval Dutra, Iran Leite, Geraldo Nascentes de Azevedo, Sãozinho (Edson Monteiro). Atrás: Oliven Ibrahin, Nilton Dutra, José Monteiro, José Maria.

PADRE OSCAR DE OLIVEIRA

Célio Ferreira da Fonseca



Jovem, pernambucano, recém-ordenado padre, baixinho, cabeça sempre raspada, o padre Oscar chegou ao Guarará nos anos 30 para substituir o Padre Pedro Ferrari, um italiano já de idade avançada, querido por todos os paroquianos.

O Vigário de pequenas comunidades mineiras sempre foi tido como uma das pessoas mais importantes e mais respeitadas da cidade e o padre Oscar não era exceção. Suas batinas sempre velhas com as bordas às vezes se esfarrapando, o calçado muito usado, a modéstia e a disposição para o trabalho pesado, faziam dele um homem diferente, singular mesmo.

Devoto como nunca conheci outro, celebrava a missa com uma atenção especial, fé redobrada e um zelo de causar admiração; via-se que seu envolvimento tamanho com as coisas sagradas contaminava de tal modo os fiéis, que todos os católicos sentiam-se na obrigação sumária de cumprir todos os deveres religiosos.

Suas ameaças com o fogo do inferno, emanadas de suas inflamadas pregações dominicais, assustavam e inibiam ações pecaminosas. Era um grande orador sacro.

Nas comemorações mais importantes da Igreja sabia decorar os altares, escolher as músicas, estimular a população e rodear-se de gente trabalhadora e dedicada. Celebrava o "Te Deum" com muita pompa e para maior beleza deixava exposto o Santíssimo no altar e subia apressadamente para o coro onde afastava do órgão a pobre Dona Luizinha e punha-se ele mesmo a tocar. Era um grande músico.

Ele não se descuidava do cotidiano da cidade, apoiando a Banda de Música dos meninos, ajudando a Conferência de São Vicente de Paulo, participando dos eventos civis. Tomava partido dos menos favorecidos sem, no entanto, desprezar os de classe mais alta naquilo que implicava a participação da sua igreja.

Jamais me esquecerei de eventos como o da morte da Dona Elizena, a simpática e querida mãe do Cel. Afonso Leite, chefe político do Município de Guarará, rábula influente na Região e árbitro de todas as querelas da comunidade, pois todos os contendores aceitavam sua escolha. Ela morava numa casa modesta ao lado da mansão do filho, na rua principal da cidade, a Rua Direita como todos a conheciam.

A arquitetura da mansão, embora simples, diferia das demais casas chamando a atenção dos visitantes, com sua pintura de fino gosto e sempre muito bem cuidada. O Coronel era constantemente visto na companhia de pessoas da comunidade sentado na varanda, uma espécie de "hall" ao nível da rua, simetricamente incrustada na frente da casa de dois pavimentos, protegida por uma cerca de alvenaria guarnecida com portão metálico, tudo em cores vivas, e arranjadas com arte e agradável à vista.

Todas as tardes, era costume Dona Elizena postar-se à janela para observar o movimento da rua, cumprimentando com um sorriso alegre todos os passantes e oferecendo deliciosos doces que ela mesma fazia aos meninos que conhecia.

Na minha volta do campo de futebol, para não ser reconhecido por Dona Elizena, eu "pegava" uma embalada na descida íngreme do fim da rua de modo que ao cruzar a janela da velhinha o fazia voando, tal o impulso que tomava na minha desabalada corrida. Não é que não gostasse de doces e muito menos quisesse pura e simplesmente me ver livre da boa velhinha, mas os meninos comentavam frequentemente na Escola que a Dona Elizena guardava seus doces num pinico.

Pois bem, quando faleceu a mãe do Coronel, o Padre Oscar se esmerou nas cerimônias do seu sepultamento: os altares da igreja foram todos cobertos de luto escondendo as imagens e a decoração; um véu negro descia do coro até a altura do para-vento que se manteve aberto durante a encomendação do corpo. O caixão negro foi colocado numa estrutura elevada no centro da igreja, toda coberta de roxo, enfeitada de flores sortidas e perfumadas; os castiçais adequados rodeavam aquele pedestal funesto com velas ardentes durante toda a missa de corpo presente. Os sinos dobraram funebremmente de hora em hora desde o momento em que a pobre velhinha entregara a Deus a sua alma.

A maior parte da população acompanhou o enterro liderado pelo Padre Oscar com sua capa negra, a imagem colorida do crucificado às costas, rezando as orações de costume ao longo de todo o percurso, a pé até o cemitério. Colocado ao lado da sepultura, o caixão foi aberto uma vez mais para as últimas despedidas; o povo então tagarelava em grupos à espera dos ritos finais, ouvindo-se entre o badalar longínquo dos sinos, o sussurro de vozes por toda a extensão do pequeno cemitério.

Foi quando o abatido Coronel reunindo todas as suas forças, subiu na sepultura mais próxima iniciando seu comovente adeus a mãe falecida. Com um apelo vibrante na sua voz de exímio orador pediu: "Silêncio! ... Silêncio! ..." e, silêncio absoluto se fez. Olhando para o caixão entreaberto, o rosto molhado de suor e lágrimas proclamou: "Minha mãe está morta!" Seguiram-se talvez não mais de 20 minutos de uma oração dolorida e comovente que arrancou lágrimas de todos e marcou profundamente minha mente infantil.

Assim era o nosso querido vigário; um dia arrancou a batina, vestiu roupas civis de operário, arregaçou as mangas da camisa e construiu uma enorme casa paroquial, com dois pavimentos, biblioteca, sala de jogos, capela e salão para reunião das diferentes associações religiosas, especialmente Congregados Marianos e Filhas de Maria. Presidia pessoalmente todas as reuniões de todas as Associações, cuidava dos jardins da casa paroquial onde

cultivava os jarros de plantas com que adornava os altares das Igrejas. Eram três em Guarará: a Matriz – Paróquia do Divino Espírito Santo – a Capela de São Sebastião, ao lado do cemitério e a Capela do Rosário, no alto do morro na saída da cidade, além da igreja do então distrito de Maripá que também pertencia à paróquia de Guarará.

O Catecismo era também por ele ministrado e a garotada estudava para valer com medo das represálias públicas do padre Oscar. Às vezes ligava os alto falantes da Matriz para elogiar os que mais se destacavam ou para chamar algum congregado mariano que ainda não se apresentara para a confissão mensal obrigatória.

Um dia, tendo encontrado cascas de mexerica atiradas na porta da Igreja, gritou pelos alto falantes: “foi a Maria da Glória Alvim quem atirou cascas na porta da Igreja”. Noutra ocasião, como não me encontrara em casa para ajudá-lo em alguma missão foi outra vez para o microfone: “Procura-se o menino Célio: está desaparecido!” ... Nunca recebi tantos recados na minha vida.

O fato mais alarmante, no entanto, aconteceu no dia em que um pobre homem, ao se ajoelhar no confessionário lhe declarou que não tinha pecado; a igreja cheia viu o Padre Oscar gritar pelo Sr. Neném e lhe mandar colocar o homem no altar mor. “Tire o Coração de Jesus e coloque-o; é santo; não tem pecados”. O pobre crioulo, zelador da Igreja, não sabia o que fazer diante da insistência do padre e o confessando, perdido de vergonha, recolheu-se para o meio dos fiéis e, certamente, jamais voltou naquele confessionário.

Mas o Padre Oscar era um grande homem; aprendi a admirá-lo pela sua fé, pelo seu carinho com os pobres, pela sua vida inteiramente dedicada ao sacerdócio, pela sua pobreza. Minha mãe, um dia, fez uma campanha para lhe comprar uma batina, pois a que usava estava rota, velha, desbotada e ele não tinha dinheiro para comprar uma nova. Um dia, subimos ao altar às sete horas da manhã para celebrar uma missa encomendada por alguém; depois de iniciada a cerimônia descobriu-se que a missa estava marcada para as 10 horas; ele me chamou, mandou-me ir para casa para voltar às 10 horas, porém ficou ali, de pé, em penitência até chegar a hora da missa, quando então já chegaram as pessoas que a encomendaram e reiniciou a cerimônia do ponto em que a interrompera.

Cansado de lutar para conseguir recursos para a construção de casas para algumas famílias pobres, foi transferido para a paróquia de Santana do Deserto, onde muitos de nós o visitamos, inclusive a Banda de Música do Guarará da qual eu fazia parte.

Era tão grande minha admiração por aquele padre que quando do meu casamento fui visitá-lo na cidade de Guidoal, a fim de convidá-lo para celebrar a cerimônia na Catedral de Juiz de Fora. Ao chegar no meu pequeno Fusca, avistei do alto da estrada uma bela e imponente igreja da qual me acheguei e logo avistei uma casa na mesma praça pintada com as mesmas cores da Igreja; não foi difícil descobrir que era a casa paroquial da qual logo me aproximei. Ao descer do carro, estando ele à janela me cumprimentou dizendo na sua voz característica: “Eu estou lhe conhecendo; você é o Célio”. E passou o resto do dia comigo.

Primeiro me levou para conhecer a sua Igreja. “Foi construída com o

dinheiro do povo generoso dessa terra, veja os altares, o adro com todos esses bancos envernizados, as imagens, o coro, a mesa da comunhão, o confessionário! ... Os cálculos foram do Engenheiro Antônio Alves de Noronha, a maior autoridade em cálculo estrutural do nosso país". Quando lhe disse que tinha sido aluno do Professor Noronha na Escola Nacional de Engenharia, ele ficou muito emocionado: conhecia todo o meu passado, a modéstia da minha família, a falta de recursos da região, sem escolas secundárias, mas não ignorava a minha vocação que tantas vezes lhe revelara e para a qual ele nada podia fazer a não ser rogar a Deus para que me ajudasse. Então, num gesto comovente declarou: "Então, meu filho, você é um engenheiro! ...", e lá vieram lágrimas de alegria por saber que tinha alcançado o meu ideal.

E continuou no seu entusiasmo com a Matriz de Guidoal: levou-me para detrás do altar mor e desabafou entre lágrimas "E aqui, aqui, meu filho, espero descansar para sempre!... Você não acha justo? Eu dediquei toda minha vida ao serviço de Deus; jamais soube o que é um divertimento, uma viagem a passeio, nem mesmo uma visita a minha terra natal!... Não tenho direito de descansar aos pés do meu Senhor?" Foi muito comovente.

"Agora vamos visitar a casa paroquial."; atravessamos a rua tranquila e deserta já se avizinhando o crepúsculo. Penetramos a fachada imponente, no mesmo tom da Igreja, e qual não foi minha surpresa: internamente era tudo velho e acabado: o assoalho cheio de buracos, os móveis velhos e carunchados, o piano também se acabando, o telhado cheio de goteiras. "Mas Padre Oscar, o Senhor faz uma igreja tão rica, linda, imponente e não cuida de sua própria residência?" "Não, meu filho: aquela é a casa de Deus; eu não mereço coisa melhor". Sentou-se logo ao piano, pediu suas irmãs que nos servissem um cafezinho, e começou a tocar a valsa "Subindo ao Céu" da qual sabia que eu gostava muito desde criança.

À noite, fomos para a igreja para a bênção do Santíssimo que celebrava diariamente; quando o povo começou a rezar o terço, veio ele sentar-se no meio dos fiéis, só voltando para o altar na hora de dar a bênção.

Ao sairmos da igreja, ele me pediu desculpas por não poder celebrar o meu casamento: não tinha uma boa batina, não se sentiria bem no altar de uma Catedral em cidade grande, não arranjaría um substituto para Guidoal e uma série de desculpas que eu entendi perfeitamente. "Mas esteja certo de que, na hora do seu casamento, eu estarei celebrando uma missa em sua intenção, para você ser muito feliz. Que Deus o abençoe."

E foi a última vez que o vi.

Muitos anos depois, ao passar por Guidoal, visitei a igreja e pude ver com emoção, sua sepultura exatamente como tinha ele planejado em vida.

Célio Ferreira da Fonseca é guarareense, engenheiro, aposentado, reside atualmente no Rio de Janeiro e tem 90 anos.

PEDRO BENTO

Francisco Elizio Fonseca

Conforme prometido, vai aí uma lembrança que tenho:

Pedro Bento! Uma pessoa folclórica, se posso usar esse termo. O jeito de falar, as risadas e o mais interessante e importante: mesmo tendo pouco estudo, sabia de cor a Bíblia. Falava e interpretava sem rodeios a Palavra de Deus.

Uma das coisas mais engraçadas e impressionantes, um fato que presenciei, foi que numa celebração do Sábado Santo, eu era coroinha na época, e o Padre Faria - saudosa lembrança - era o celebrante. Na hora de colocar carvão no turíbulo, o Pedro pegou brasas da fogueira do fogo novo com as mãos. Foi engraçado e até o padre na hora riu e ainda chamou a atenção dele: "Vai queimar a mão, Pedro!" Ao que o Pedro rapidamente respondeu: "Queima não, padre! Rarararara!" soltando a risada. Este é o fato de que me lembro. Época boa!

Juiz de Fora, 19 de maio de 2018.

Francisco Elizio Fonseca é guarareense, aposentado, reside atualmente em Juiz de Fora e tem 60 anos.

PEDRO BENTO

Maricleide de Oliveira

Meu nome é Maricleide de Oliveira, tenho 59 anos. Posso afirmar sem medo de errar que minha vida começou de fato, o dia em que ingressei na vida de fé na Matriz do Divino Espírito Santo, onde me casei 17 anos depois do casamento no civil.

Nesta Igreja Matriz encontrei as pessoas que mudariam minha vida para sempre: Padre Marcelo Magalhães, Eni Terezinha e o saudoso e amado Pedro Bento, um santo que caminhava nas ruas desta cidade, recolhendo coisas que os outros não usavam, para as famílias carentes, e não era anormal vê-lo com seu carrinho cheio de bugigangas, para quem não entendia que tudo aquilo tinha endereço certo.

Conhecer o Pedro foi uma riqueza e crescimento espiritual. Rezávamos o terço todas as tardes na minha casa, tínhamos momentos de muitas alegrias e graças.

Pedro era para mim a lembrança da figura paterna, preenchia um pouquinho do abandono deixado no meu coração pela ausência do meu pai.

Um episódio que define uma das características da personalidade desta figura era a displicência. Nós tínhamos um cachorro muito bravo que vivia preso durante o dia e solto à noite para cuidar da casa. Pedro tinha deficiência visual e entrou pelo lado que o cachorro estava, passou ao lado e o cachorro sequer latiu. E eu perguntei "Você passou pelo cachorro?" e ele me respondeu "Que cachorro?". Era assim que o Pedro era.

Sinto muita saudade das nossas conversas e riso frouxo, tudo era muito simples e bom.

Pedro Bento era uma figura gentil, bondosa, extremamente prestativa e possuía a sabedoria dos anciões.

A frase que mostrou a minha vida depois do Pedro é: “A melhor oração é o amor, se não sabes amar, tu não deves orar, pois a melhor oração é amor.” Não sei dizer se essa citação é de autoria dele ou de um dos santos, seus amigos.

Guarará, 13 de junho de 2018.

ENIR TEREZINHA

Maricleide de Oliveira

Eni Terezinha, eu gosto de chamá-la assim, acho o nome mais bonito e forte.

Sempre a observava na Igreja, tinha um certo medo dela, todos diziam que ela era brava. Com o passar do tempo passei a participar do grupo de oração e entrei para o serviço da música. Posso garantir que ganhei uma amiga, uma irmã. Com ela, descobri o desapego. Se soubesse que alguém ou um de nós precisava de “um casaco” doava sem pena, sem dó e doava coisas novas, que às vezes tinha usado uma ou duas vezes; nada era só dela.

Sua casa foi para nós, eu e o grupo: Angélica, Fernando, Bebel, Maria das Graças, João, Dudu, Luci e Cidinha da dona Maria Rosa, uma outra casa de oração, onde partilhávamos a palavra ouvida na missa. O padre Marcelo Magalhães sempre nos instigava a refletir no Evangelho do dia.

Sinto uma saudade absurda daquele tempo em que vivíamos “quase como os primeiros, eles tinham tudo em comum, olhe como se amam”. Mas o Monte Tabor é para o aprendizado, tudo chega ao fim, e não foi diferente conosco. O aprendizado acabou, nos sobrou escolhas de vida e um fio de ouro que nos unirá para sempre, pois foi o amor de Cristo que nos uniu.

A esta grande mulher devo muito, muito, para ela todo meu respeito, admiração e amor. A palavra dela para mim sempre foi: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo”. (Mateus 6,33)

Guarará, 13 de junho de 2018.

Maricleide de Oliveira é pernambucana, facilitadora do Projeto Velho Amigo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, reside em Guarará, tem 59 anos.

BRÁZ DO QUIDINHO

Letícia e Natália Pacheco

Bráz Correa de Oliveira, filho de Euclides Correa de Oliveira e Djanira Gomes de Oliveira, nasceu na Fazenda das Pitangas com o auxílio de seu pai, sua mãe e a parteira, tendo apenas aos 7 meses, no dia 27 de janeiro de 1950.

Conhecido por todos como Bráz do Quidinho, é conhecido pelo seu jeito afobado, mas ao mesmo tempo extrovertido. É um homem simples, exemplo de caráter e trabalho. Começou cedo a lidar com o gado, e aos 17 anos foi tomar conta de uma das fazendas de seu pai, no município de Mar de Espanha. A mudança foi feita a cavalo e ele levou 7 horas a cavalo, saindo de Guarará sentido Mar de Espanha, na então conhecida Fazenda dos Cocais. Lá trabalhou arduamente no retiro de leite e ainda cuidava dos afazeres

domésticos, ele mesmo preparava sua comida e de seus ajudantes da lida e cuidava da casa e da roupa.

Foi neste contexto de trabalho que em uma missa na Vila Tomete viera a conhecer o grande amor da sua vida e futura mãe de suas filhas, a amada Teresinha, filha de Mário Augusto Pacheco e Alzira Senra Pacheco. Muitas foram as desculpas inventadas a fim de ir à fazenda do Sr. Sebastião Cidade para ver sua amada, pois a mesma lecionava nessa fazenda.

Começaram a namorar no ano de 1973 e vieram a casar em 28 de janeiro de 1978; então nessa data Bráz e Teresinha retornaram para a amada cidade de Guarará, na Fazenda a qual Bráz nasceu. Na época, ele continuou a se dedicar à pecuária leiteira e ela era professora, porém exerceu pouco sua profissão, pois passou a se dedicar à família e às filhas que o casal viera a ter - Natália, a mais velha que está agora grávida do Gabriel, seu primeiro neto, e a Letícia, filha caçulinha da família.

Após 40 anos de ter se mudado com sua família para Guarará, Bráz permanece lá até hoje. Infelizmente não conta mais com a presença física de sua amada Teresinha.

Bráz sempre foi cidadão ativo na cidade, sempre ajudou no saudoso instituto Dona Selva, na nossa querida Escola Municipal Ferreira Marques e nos leilões para o padroeiro Divino Espírito Santo. Outra tradição cultuada até hoje em sua família é a doação de leite na Sexta-feira Santa, tradição esta que vem desde a época de seus pais e que suas filhas pretendem perpetuar ainda por muitos e muitos anos.

Aos 68 anos, ele ainda acorda todos os dias de madrugada para tirar leite, cuida do trato das vacas, arruma cerca e cuida do gado de corte.

Hoje ele serve de exemplo e inspiração para todos os que o rodeiam, por ser um homem trabalhador, honesto, perseverante e que viveu e vive uma vida inteira dedicada integralmente ao trabalho e à família. Ele não conhece as palavras férias e descanso. Seu único lazer é andar a cavalo e beber sua cervejinha em casa.

Nós, como filhas, temos muito orgulho e gratidão por esse pai tão amoroso e dedicado. Um homem que aos três anos de idade já juntava vacas para ordenha e com 68 anos ainda continua no trabalho diário.

Pai, nós te amamos muito e te desejamos muitos anos de vida para que você possa curtir seu netinho Gabriel. Com certeza o senhor é um ícone da cidade de Guarará e merece de nós, seus familiares, e de toda população muito amor e respeito.

Guarará, 24 de junho de 2018.

Letícia Pacheco de Oliveira é guarareense, professora, bióloga, reside em Guarará e tem 32 anos. Natália Pacheco de Oliveira é guarareense, Supervisora da Qualidade, reside em Bicas e tem 35 anos.

CONTO DA RAIZ DE MANDIOCA QUE NÃO PARAVA DE CRESCER DO Sr. ANTÔNIO, FAZENDA VARGEM GRANDE EM GUARARÁ

Rodrigo Machado Alves

Esta história se passa na Fazenda Vargem Grande, propriedade dos saudosos João Batista Sales e Catarina de Rezende Sales entre a década de 1970 e 1984. Passando pela sede, logo à frente chegando numa bifurcação perto de uma casinha azul e branca de telhas francesas entra-se a esquerda. O caminho acima chega ao Sr. Ângelo Bordonal, na comunidade do Salomão.

O caminho continua após uma ponte, na época de tábuas e pranchões velhos (hoje concreto) sobre o Ribeirão Espírito Santo, que naqueles tempos tinha um enorme volume de águas e na ocasião das chuvas alagava toda planície em volta, impedindo os deslocamentos dos moradores das imediações. Numa casinha velha, no canto de uma grota, uns 600 metros após esta ponte morava o Sr Antônio Alves dos Santos, mais conhecido por Antônio Sérgio com sua esposa Jovelina Roza dos Santos e seus sete filhos. Vida dura e difícil naqueles tempos na roça. Não havia luz elétrica. Os recursos eram escassos. Havia enorme abundância de água nos entornos da humilde casa. Criavam-se porcos, galinhas e cultivava milho, feijão, amendoim, abóbora, verduras e o aipim (popularmente conhecida como mandioca) nos entornos da área da casa.

É justamente no cultivo das raízes de aipim que começa um dos contos mais engraçados e comuns naquelas redondezas, proferidos pelo Sr. Antonio Sergio, que segundo alguns conterrâneos de seu tempo era um excelente contador de anedotas e causos imaginários, que no fim, devido à firmeza de suas palavras, passavam-se por histórias verídicas. Naqueles tempos, a zona rural era muito habitada por famílias numerosas e era difícil caminhar sem encontrar uma casa cheia de pessoas. É em meio a esse convívio de muitas pessoas e famílias que a história da mandioca que não parava de crescer ganhou veracidade e adeptos que a levaram para outras comunidades da zona rural de Guarará.

A mandioca era um meio dos moradores ganharem uma renda extra. Sr. Antonio tinha uma lavoura expressiva da mesma nos fundos da casa, perto de um córrego que vinha das vertentes e cortava todo terreno até chegar ao ribeirão. As ramas, segundo ele, vinham de geração em geração na sua família... Numa dessas covas começou a germinar uma rama diferente das demais. Sua viscosidade chamava atenção, além da altura aliada à grossura do tronco e como sempre o Sr. Antonio Sergio não deixava de contar suas vantagens sobre este pé de mandioca que estava crescendo, dizendo para os vizinhos que a mesma serviria para alimentar todos os moradores da Vargem Grande, Salomão e Forquilha. Alguns observavam espantados, outros riam, uns que já conheciam sua fama de contador de causos colocavam mais lenha na fogueira, mas ninguém o desmentia.

Foi neste ritmo de estórias que o pé de mandioca cresceu, segundo o Sr. Antonio Sergio, ao ponto das raízes cruzarem o morro em frente, passarem pelo fundo do ribeirão e chegarem à Forquilha, próximo ao campinho de futebol que hoje não existe, onde a raiz brotaria do solo. Frequentemente, ele contava para seus compadres e comadres que a raiz era tão grossa e comprida que os peixes ficavam pulando sobre elas na época da seca para passar de um lado

para o outro do rio. O buraco aberto no solo pelas raízes cabia um homem que poderia ir da Vargem Grande até a Forquilha por debaixo da terra. Numa ocasião, ele disse que vários peixes o pararam para agradecer pela fartura que a mandioca proporcionava no fundo do rio. Um dos peixes disse que abriu até restaurante para aproveitar a oportunidade de ganhar uns trocados extras com pratos de aipim.

Às vezes para sua estória ganhar veracidade, ele distribuía pequenas quantidades de mandioca para os vizinhos, dizendo que eram as pontas das diversas raízes que iam se reproduzindo debaixo da terra até chegar à Forquilha que os cachorros rançavam, quando iam brincar no buraco. Como uma mentira bem contada e ensaiada por diversas vezes consecutivamente pode virar uma história verídica. O conto da estória da mandioca que não parava de crescer ficou na mente dos moradores da redondeza.

Tomei conhecimento deste conto há poucos anos, por intermédio de um senhor lá da Comunidade da Forquilha que conheceu meu avô e ouviu muitas vezes ele contando esta estória quando ia à sua casa comprar porco e galinha e nas imediações do campo da Forquilha nos fins de semana. Recentemente, outra pessoa que conheceu meu avô Antonio Sergio me contou a mesma estória, nos mesmos detalhes da anterior. Por isso a importância de escrevermos e divulgar nossas estórias, contos e causos para que no futuro nossos descendentes e outras pessoas possam ter conhecimento dos diálogos orais contados no passado.

Junho-2018.

Rodrigo Machado Alves, neto de Antônio Alves dos Santos, é guarareense, reside em Guarará.

LEMBRANÇAS E BOM PAPO

Eloiza Fonseca

Na busca de informações, histórias e estórias sobre nossa Guarará, para enriquecer nosso projeto “Dedin de Prosa, Cadin de Memória”, passei alguns bons momentos em companhia do meu vizinho – segundo pai, posso assim dizer, o senhor Ângelo Barbosa da Silva.

Hoje sinto uma angústia no peito, quando penso que ele se propôs a me contar a história da vida dele, caso me interessasse, para o nosso trabalho de Educação Patrimonial. Infelizmente, na vida de professora, não consegui parar para me dedicar a ouvir a história da vida desse nosso tão querido conterrâneo, visto que o tempo não nos espera e hoje faz dez dias do seu falecimento.

Mas tenho comigo tão boas lembranças do tempo em que eu era criança e bons vizinhos que sempre foram meus pais e a família do senhor Ângelo, sempre unidos como uma única família, íamos sempre a sua casa, para ver os novos trabalhos que fazia de taxidermia e bater um longo papo. Ao entrarmos na cozinha, ele logo dizia “Hoje vocês vão provar a carne de um animal novo. Vamos ver se adivinham de quê!” E nós provávamos a carne e só depois ele dizia qual era o animal. Era cachorro-do-mato, tatu, lobo, porco-

espinho, capivara, anta, cutia, paca, preguiça, tamanduá, lontra e tantos outros animais!

Adorava vê-lo tecendo palhinha nas cadeiras e sonhava aprender aquela arte. Os objetos que ele colecionava, os bons papos, o jogo acirrado de buraco nos fins de tarde, as histórias que ele contava, enquanto tomávamos um cafezinho com bolo, as risadas, as balas que comprava na sua venda, as injeções, quando estávamos doentes, as tantas boas ações para os menos favorecidos, as panelas e as sombrinhas e guarda-chuvas que consertava – tudo tem cheiro de saudade. Quanto aprendizado, quanto carinho aquele homem que muitos acreditavam ser muito bravo nos dava! A persistência que ele tinha, de madrugadinha, faça chuva, faça sol, lá ia ele fazer sua caminhada. E isso, até mesmo com dificuldade de andar, já com a ajuda da bengala. Exemplo de perseverança, de fé, não perdia as missas do domingo e após a missa, ao entrar no carro, retornando para casa, sua frase era de agradecimento “Missão cumprida! Graças a Deus!”.

Algumas vezes conseguimos conversar e tentar resgatar nomes de algumas pessoas e histórias de quem ele se lembrava que foram moradores da nossa Guarará. Eis algumas lembranças do senhor Ângelo:

Carlos Vidoca, um escravo que não saiu da fazenda quando acabou a escravidão. Morreu com mais de 100 anos, com os dentes perfeitos. Quando era novo, pegava um saco de 60 Kg no dente. Certa vez sumiu e não o achavam. Foi encontrado morto, num pasto, comido pelos urubus. Pôde ser reconhecido pela roupa, com uma calça branca, que sempre usava.

Zé Miguel foi um homem nadava muito bem, era um peixe na água. Adorava soltar pipa e soltava pipa nadando.

Zé Pelado foi um homem que nunca vestiu roupa. Dizem que quando ia visita na casa dele, era o primeiro a receber as visitas, a sentar na sala, no canto, sempre pelado.

Sargento Claudionor, um homem que não sabia ler, nem escrever e era sargento.

Senhor Mané Aleijado era um senhor que, por ser aleijado, andava agachado, com tamanquinhos nas mãos para ajudá-lo a se locomover. E ele trabalhava, era sapateiro.

Zeca de Paiva foi um senhor que morou em Guarará e marcou; na época morria pouca gente na cidade, daí ele era jardineiro e coveiro.

Dona Maria e seu Tide - Foi um casal que morava lá para o lado do sítio dos Cassete. Seu Tide não bebia e Dona Maria adorava uma pinguinha. Andavam sempre um na frente do outro, seu Tide na frente, dona Maria atrás. Quando vinham fazer compras, ela chegava na venda, com seu vidrinho, disfarçadamente pedia para enchê-lo de cachaça e deixava escondidinho atrás da balança para seu Tide não ver. Os dois foram juntos para o asilo.

Geraldo Ferreiro - Foi um senhor que morou em Guarará e tinha essa profissão: ferreiro. Não se sabe se ele brigou com a mulher ou com a filha. Foi preso numa

sala vazia. Deu um jeito, arrumou uma serra, serrou a cela e foi embora. No dia seguinte, a polícia foi atrás dele, para prendê-lo de novo. Encontraram ele no caminho, levando solda para soldar a grade que ele mesmo havia serrado na véspera. Assim, a polícia desistiu de prendê-lo e deixou que ele fosse trabalhar, pois coisa que não faltava para ele era serviço.

Antônio Dentista - Esse senhor comprou um carro 29, mas não tinha carteira. Dizem que ele tentou oito vezes tirar a carteira, não conseguiu. Na última vez, o examinador mandou ele parar em cima da linha do trem, ele freou bem em cima mesmo. O examinador, então, mandou que ele voltasse, porque não ia adiantar andar mais, que ele não tinha passado na prova. No que seu Antônio perguntou o porquê e o examinador disse que ele não poderia ter parado em cima da linha. Seu Antônio logo alegou que morava naquele lugar a vida inteira e sabia o horário em que o trem passava, por isso parou. Enfim, foi reprovado assim mesmo e nunca mais quis saber de tirar a tal carteira.

Geraldino e dona Nicota eram os donos da máquina de café, um prédio enorme que ficava onde hoje é a Padaria Guarará, a Padaria do Célio e da Bete.

Said Iêred, pai do Olivan e do Abrahin, era dono de uma linha de ônibus que ia para Bicas.

Sobre o Cruzeiro do Rosário - Um dia eu perguntei ao senhor Angelo sobre o Cruzeiro que tem em frente à Capela do Rosário, pois buscávamos informações sobre o mesmo para os registros do Patrimônio e qual não foi minha surpresa quando senhor Ângelo me contou que o cruzeiro fora lavrado aqui na rua Vieira Camões, em frente à casa dele, pouco depois que ele estava morando aqui na nossa rua, por volta de 1956. Diziam que a madeira usada era peroba e foi lavrado pelo senhor Zé Chico, cujo nome real é José Ribeiro. Interessante que, segundo senhor Ângelo, a dificuldade estava em levar o cruzeiro para o alto do morro, pois achavam que não aguentariam levá-lo. No entanto, juntaram uns 50 homens que conduziram o cruzeiro no braço e é ele que está até hoje, à frente da nossa Capela do Rosário. Esse cruzeiro foi colocado nessa época, em substituição ao primeiro que existiu lá, mas ele não soube contar o que aconteceu com o antigo, se foi queimado ou desgastado pelo tempo mesmo.

Enfim, a vida passa, as histórias precisam ficar registradas e colaboração como a do senhor Ângelo, tão preciosas lembranças, levam-nos, como um conta gotas, a resgatar um pouco sobre nossa Guarará.

MEU TEMPO DE CRIANÇA E JUVENTUDE

Eloiza Fonseca

Ah! É com muita saudade que me lembro da minha infância, na pequena cidadezinha do interior de Minas Gerais, na querida Guarará!

A casa em que moro hoje é a mesma de minha infância. Retornei para minha cidade faz sete anos. Sempre acreditei que regressaria para cá um dia.

Minhas lembranças de infância nunca se apagaram, os vizinhos, os amigos de infância, o tempo de escola, as festas da igreja...

A paisagem mudou. Em frente a minha casa existia um bambuzal e bananeiras. Onde hoje é a loja Muambas, era uma mina d'água. Na minha mente passa um filme, como um flashback. No morro do Rosário não chegava água, os moradores de lá desciam o morro, iam à mina buscar água e subiam com latas d'água, uma em cada mão e outra equilibrando na cabeça. Não era uma cena alegre, era triste ver aquelas senhoras às vezes molhadas da água que pingava, que vazava pelas laterais das latas, conforme andavam. E lá iam elas, subindo a ladeira, muitas vezes com os filhos segurando na barra de suas saias, levando uma latinha menor, também cheia de água, na outra mãozinha.

No alto do morro, víamos as casinhas de barro cobertas de sapê. A casa melhor era a do senhor Zezinho, que era de tijolo, coberta de telhas. Os fogões eram a lenha e várias vezes víamos uma casinha pegando fogo no telhado de sapê. E ficávamos todos tristes, até saber que não havia acontecido nada com os moradores.

Quem vê nossa Guarará hoje, não imagina quanta pobreza aqui já existiu. Hoje não vemos as pessoas passando extrema necessidade, como era comum antigamente, ver mães com várias crianças, agarradas em suas saias, narizinho escorrendo, tendo que pedir ajuda para dar de comer aos filhos. Triste cena!

Não tínhamos asfalto nas ruas de Guarará, quase não existiam carros, o que era bom, pois todas as tardes dona Alice, dindinha Rosa, madrinha Santa, dona Terezinha, Dona Adelaide, dona Celeste, dona Léa e minha mãe Lília sentavam na calçada, em frente a minha casa para bater um papo, enquanto as crianças e adolescentes brincavam. Era a peteca, a bola, brincando de bobinho, de queimada, era o pique-bandeira, a corda, a vassourinha de criança, as bonecas, os carrinhos, o vaivém, o bate-bag, enfim, diversão garantida, todo final de tarde. E éramos uma família só. A rua era nossa. Só a bola que não podia cair no quintal do senhor Adolfo de Moura, que se fazia de bravo e dizia que rasgaria nossa bola se ela caísse no quintal dele. Na verdade ele era um soldado aposentado, tinha o coração mole, se fazia de durão, só para colocar medo nas crianças, era um brincalhão! Mas sabíamos que se ele tivesse que ser bravo, dar bronca, ele daria, daí o medo. Mas quando as tanajuras saíam era uma maravilha! A criançada toda corria pela rua, apostando quem conseguia pegar mais tanajuras para dar para seu Adolfo, que dizia adorar comer tanajuras fritas ou às vezes só tirava as asinhas delas e comia ali mesmo, na nossa frente.

As brincadeiras no jardim também eram de pique. Pique-lata. Quem estava com o pique ia procurar os colegas que se escondiam entre as árvores e plantas e aqueles que conseguissem bater na lata três vezes, ficavam livres de ser pego. E quantas e quantas vezes brincamos de pique-lata!

Houve uma época em que a roupa da moda era jardineira, um tipo de short saia com alças e nossas mães fizeram aquela roupa para todas nós, que

saíamos juntas, vestidas com o mesmo modelito, de cores diferentes e tínhamos até musiquinha da turma.

E a vontade de crescer para poder passear na praça com as meninas – que eram as mais velhas – a Regina, Luzia, Maria Lúcia, Glorinha e Maria, minha irmã!

O passeio na praça, após a missa, era a nossa diversão no domingo. Vale lembrar que naquela época não tínhamos televisão, isso era privilégio só dos ricos. Eram raras as casa que possuíam televisão e às vezes os donos cobravam para deixar as pessoas assistirem a um jogo de futebol, por exemplo. Lembro-me de uma vez que eu assistia à televisão na casa do senhor Adolfo e estávamos todos na sala, em frente a uma tevê preto e branco, esperando a transmissão do programa que anunciava que seria a cores. Qual não foi a nossa decepção, o programa passou em preto e branco, lógico!

Carnaval era todo mundo junto, participando dos matinês, até que fomos crescendo, tornamo-nos adolescentes e quem nos levava aos bailes eram as irmãs mais velhas ou a tia Glorinha. E quantos bailes nós fomos juntas!

No Carnaval, tinha ainda o famoso bloco do Negrinho, o senhor muito bacana que morava no morro Geraldino Rocha. Super animado, ele fazia as mulinhas, o boi, juntava seu grupo de bateria e saía pelas ruas de Guarará levando alegria a todos. Que saudade!

As férias e feriados em Guarará eram de pura animação. O senhor João de Carvalho e dona Mariana, donos daquele casarão que fica ao lado da Casa Paroquial, moravam no Rio de Janeiro e época de férias, feriados longos, vinham para Guarará, traziam toda a família, muitos netos, sobrinhos que já tinham amizade com a moçada da cidade e saía aquela turma enorme andando de bicicleta, brincando, flertando. Eram muitos guararenses que moravam fora e que gostavam de vir para cá com a família em épocas de férias ou feriados. Era muita alegria ver a cidade cheia de jovens, até que vinha o dia triste, que era a despedida e já esperávamos o próximo feriado que parecia demorar um século para chegar!

Na escola, a entrada dos alunos era separada: meninos entravam por um portão e meninas por outro. Na sala de aula, sentávamos naquelas carteiras de madeira, em duplas, fileiras de meninos e fileiras de meninas. O recreio também era separado. A merenda da caixa escolar era só para as crianças mais necessitadas e as que podiam davam uma pequena contribuição para a Caixa Escolar. Levávamos nossa merenda e ficávamos felizes quando chegava a Semana da Alimentação, só para termos o direito de lanchar na escola e comer canjição, pão com salame (atual mortadela) com Ki-suco, sopa da Dona Dalma. Ah! Dona Dalma e Dona Divina, duas queridas que faziam de tudo para nos proteger, não podiam nos ver chorando, que corriam para ver o que tinha acontecido.

Como esquecer do sino do Grupo Escolar Ferreira Marques, da dona Nice, a diretora com fama de brava! Só me lembro de ter entrado na diretoria duas vezes, uma para levar uma bronca e ela nos mandar ficar de castigo atrás do quadro, na sala de aula, dia em que quase morri de tanta vergonha e ainda levei um puxão de orelha da minha mãe por ter ficado de castigo e a outra vez que entrei na diretoria foi para um teste oral de leitura, que só se eu lesse

muito bem passaria de ano. Só de contar lembro o suor que foi e como as pernas tremiam de medo de errar. As professoras eram muito queridas e respeitadas por todos os alunos.

Lembro-me como se fosse hoje das histórias que líamos e ouvíamos, tiradas da coleção As mais belas histórias. Como era gostoso ouvir histórias no final da aula! Mas só se ficássemos quietinhos! Tinha ainda a bandinha de música, que dona Anália ensaiava com a gente, as apresentações teatrais...

E a igreja! A catequese acontecia na escola, na sala de aula, depois do horário de aula e minha catequista foi a dona Anália. Lembro que a primeira vez que fiz uma leitura na igreja foi com nove anos de idade, numa Via Sacra, a leitura era da nona estação, por isso nunca me esqueci.

As festas religiosas eram maravilhosas! As famílias, moradoras da cidade e da zona rural, iam com todos os filhos, todos participavam! Nas festas de São Sebastião, eram muitos foguetes e eu morria de medo dos foguetes de vara! Adorava ver era a queima do quadro do santo, quando acendiam o fogo e aparecia um galinho que ia levando fogo por todo traçado, até chegar no quadro, que incendiava em volta e depois aparecia a foto do santo homenageado. Pequenos detalhes que hoje não são mais valorizados, mas que marcaram a minha infância e de muitos guararenses.

E como não lembrar do Ginásio Cenecista Castro Alves! Do diretor e professor de matemática Antonio Carlos da Rocha, ensinando o teorema de Pitágoras e nos ensinando a ter respeito pela pátria, com o Hino Nacional cantado toda semana, no momento cívico, em frente à escola, hasteando a bandeira e nas datas comemorativas os hinos da Bandeira e da Independência. Lembro-me ainda do dia em que nossa escola foi desfilar em Juiz de Fora e eu fui a frente, de saínia branca e camisa da escola, levando a faixa, junto com outra colega, baixinha que nem eu. Como não me lembrar do professor Irineu Guimarães, professor de Inglês, que tanto fez pela nossa Guarará e pelas nossas crianças. Do professor Viana, nosso farmacêutico, baixinho, bravo, com quem eu tirei minha única nota vermelha, nota 5,0 – e não sabia como contar em casa meu 5,0 em Ciências. Como chorei de vergonha! Professor Ruimar, que me fez apaixonar pela Língua Portuguesa. Regina, professora de Educação Física, que nos ensinou a jogar vôlei e fez com as meninas da turma uma pirâmide humana. Dona Léa Corrêa de Geografia e Dona Lia – Maria das Dores Oliveira Rocha – de História. Que época maravilhosa!

E o tempo de namoro, quando os casais de namorados passeavam pela Praça do Divino e gostavam de sentar nas portas do antigo correio ou das casas que ficavam fechadas, pois os donos moravam fora. Que tempo bom!

As festas juninas, os desafios dos tocadores de sanfona e pandeiro, os arrasta-pés. Os jogos de futebol no campo da Colina, quando íamos ao campo para torcer pelo Guararense, para ver os meninos bonitos que usavam shorts curtos. E quando foi construída a piscina com quadra de vôlei? Tinha o barzinho, que era do Dundum, irmão do Ronaldo da Banda de Música. Nossa galera passava o domingo no clube; enquanto uns jogavam vôlei, outros davam um mergulho, outros jogavam buraco. Éramos todos amigos, estávamos sempre juntos. Tinha ainda o jogo de buraco na casa da Iza Maria, na casa da Dona Janete, lugares em que a turma se reunia.

Vivemos a época da discoteca, com os enormes globos espelhados, as meias coloridas, sapatos plataforma e a ordem era dançar e se divertir a valer, a bebida era o refrigerante, a cuba-libre, o dry martini, a menta. Tempo das Frenéticas, com “Abra suas asas, solte suas feras”, época de Bee Gees, Santa Esmeralda, e mais tarde Dona Summer, Cyndi Lauper, Michael Jackson, entre tantos outros.

Muito mais teria para contar, pois a mente guarda sempre os bons momentos. Enfim, fomos uma geração que teve uma juventude do bem, sadia, pura, sempre cercada pela família, que nos apoiava, puxava a orelha se necessário, mas acima de tudo nos amava e respeitava, na nossa pequena e querida Guarará.

Eloiza Terezinha Ferreira da Fonseca é guararense, professora Língua Portuguesa e Literatura na Escola Estadual, em Bicas e vice diretora da E. M. Ferreira Marques, reside em Guarará e tem 57 anos.

A CASA DA INVEJA

Eloiza Fonseca

Foi numa noitinha de sexta-feira, quando voltávamos de um evento da educação, que aconteceu em Senador Cortes, que ouvi esta história, contada pela minha amiga Rejane Nascimento Silva.

Segundo ela, existe a lenda da noiva. Conta a lenda que numa propriedade do senhor João Salles, na zona rural, morou uma família que tinha várias filhas e uma delas tinha o sonho de se casar.

Como cada um tem sua história, a moça teve a dela. No dia do casamento, foi abandonada no altar. A coitada morreu apaixonada e por isso, aparecia à noite, do lado de fora da casa.

O local ficou conhecido como Inveja. Dizem que o lugar é mal assombrado e que ninguém parava na casa.

Dizem também que até hoje, toda noite a noiva aparece do lado de fora da casa.

É uma casinha branca, abandonada, em ruínas, perto da estrada.

O Silvestre, motorista da Van em que estávamos, fez questão de parar na casinha, jogou até o farol do carro para eu fotografar. Como já era noite, a foto não ficou muito nítida. Mas eu confesso que fiquei morrendo de vontade de conhecer a casinha da inveja por dentro.

PELO BEM DA ROSINHA

Beatriz Pacheco Apolinário

Ela roda a cidade inteira. Guarará que já é pequena, torna-se menor ainda aos seus olhos.

Sobe morro, desce morro. Olha pros lados e fala sozinha... Vai até a velha venda do Edir e pede dinheiro pra “tomar uma cachaça”. Coitada! Tão honesto de sua parte dizer pra que realmente queria o dinheiro. Podia inventar uma desculpa qualquer, mas foi verdadeira e direta no que queria.

Edir diz que não, então ela sai da pequena venda olhando tudo o que há por lá. Espelhos, lápis, biscoitos, pirulitos, os pastéis murchos atrás do

balcão... Mas nada disso enche seus olhos... Ela queria porque queria um mísero trocadinho pra comprar sua amada cachaça.

No outro lado da rua calçada de paralelepípedos, ela sobe os largos degraus que dão acesso ao Trailler Divino's Lanches, cujo nome homenageia o padroeiro da devota cidade de Guarará. Então percebe que o trailer não está aberto, mas pensa na oportunidade que teria de ganhar seus trocadinhos se estivesse.

Na esperança de encontrar alguém disposto a ajudá-la, resolve passar pela praça. Entre um resmungo e outro ela para em frente ao coreto, e dá uma olhada no lugar que em muitas noites frias, foi sua cama. Mas logo depois volta a caminhar com seus passos apressados, desajeitados e desastrados.

Chegando perto do Obelisco, um grande monumento no final da praça, onde muitas pessoas ficam sentadas conversando, ela avista a Padaria e Confeitaria Guarará e apressa ainda mais seus passos em busca do que queria desde o início: dinheiro para comprar sua cachaça.

Entrando na padaria, Bete sorri rapidamente, como sempre faz. Nem espera a coitada falar e logo lhe entrega um pão. Acena para ela como uma forma discreta e indireta de pedir que se retire dali. Ela pega o embrulho, atende ao "pedido" da Bete e desce a pequena escada da padaria.

Ela segue sozinha, como sempre, resmungando. Com seu pão amanhecido e enrolado no papel, seu destino é a Rua 7 de setembro ou "curva do perigo", como ironicamente a chamam, porque por mais que pareça um lugar propício a acidentes, não se tem notícia de nada perigoso que aconteça por lá.

Na "curva do perigo" ela passa a maior parte do tempo sentada, pensando em sabe Deus o quê. Ao chegar lá, ela desenrola o embrulho do pãozinho e começa a comer, dividindo com seu cachorro, companheiro de todas as horas. Terminando de comer, levanta-se e continua seu percurso na cidade.

Então ela passa perto de um carro parado e vê seu reflexo no vidro. Repara os olhos caídos e cabelos esbranquiçados que tem. Vê seu corpo magro, sua expressão cansada e suas unhas grandes e sujas. Por um momento se sente triste, mas resolve ignorar sua aparência e continuar andando. Encontra com várias pessoas diferentes: crianças andando de bicicleta, mães com seus filhos e pessoas com sacolas na mão, certamente voltando do mercado Rede Unida.

Ela repara nessas pessoas, pensa em acompanhá-las para contar a elas seus casos, mas logo avista o salão Hair's KK, se enche de esperança e se lembra que lá podem lhe dar dinheiro. Entrando no salão, ela pensa em pedir para mudarem o que ela vira há alguns minutos, no vidro do carro. Mas volta à sua rotina de pedir alguns trocados.

Todos negam. Porque ninguém faz a sua vontade? Por que não dão o tão desejado dinheiro pra ela ir embora logo? A resposta é simples: Para o seu bem.

Pelo bem da personagem lendária e mais conhecida de Guarará. Pelo bem da Rosinha.

Beatriz Pacheco Apolinário é guarareense, estudante de Letras na UFJF, reside em Guarará e tem 18 anos.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS
ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL FERREIRA MARQUES
RESGATAM MEMÓRIAS DOS GUARARENSES

INFÂNCIA

Amanda e Ana Carolina de Oliveira Costa - 9º 1

Ah! Antigamente tudo era muito diferente! A minha infância foi muito difícil!

Meu pai era muito bom, eu perdi minha mãe cedo e quem me criou foi meu pai. Não tinha muito diálogo, mas ele me ensinou muita coisa que eu passo para as minhas filhas. No início não foi fácil, eu não pude aproveitar a minha infância, pois ainda menino tive que começar a trabalhar para ajudar em casa. E além disso, tive que crescer sem a presença de uma mãe. Apesar de ficar calmo e calado, eu sentia falta.

A Escola Municipal Ferreira Marques, onde estudei, era muito boa e nós, para estudar, tínhamos que ir andando a pé, todos os dias, não importava se estava chovendo ou um sol escaldante, pois não havia transporte escolar. Todo mês o boletim ia para os pais assinarem, se tivesse nota boa, parabéns, nota ruim, coça! E tive que ir trabalhar. Ao chegar o dia do pagamento, eu pegava o dinheiro e mesmo depois de ter trabalhado e estar cansado, ao invés de sair para curtir ou comprar algo para mim, eu pegava e dava todo o dinheiro ao meu pai. Algumas vezes, ele ainda me dava um ou dois reais, o que era muito pouco perto do que eu ganhava, mas mesmo assim ficava com um sorriso de orelha a orelha. Só quando eu me casei, foi que parei de dar o dinheiro ao meu pai, ele dizia que era para eu administrar o meu dinheiro e manter a minha casa com minha esposa.

Para namorar, eu saía de casa com a namorada, mas já sabia a hora de retornar: dez horas! A garota tinha que estar em casa nessa hora e eu também! E em casa, ficávamos na sala e os pais ficavam o tempo todo junto, tomando conta de nós dois!

Hoje, eu tenho uma filha e tento passar para ela os ensinamentos do meu pai. A única coisa de que me arrependo é de não ter aproveitado muito, certo que às vezes entre o trabalho árduo e cansativo, eu ainda brincava com meus amigos, mas não foi como eu esperava. Eu tive que amadurecer muito rápido, pois as coisas eram muito difíceis e essa foi a solução que eu tive na época.

(Entrevista realizada com Sebastião Chagas Teixeira, 60 anos)

MINHAS MEMÓRIAS

Tainá do Carmo da Silva – 8º 1

Lembro-me como se fosse hoje! Eu tinha meus três anos, eu e meus colegas brincávamos de bola, pega-pega, bolinha de gude, relóginho, de jogar lama uns nos outros e depois nós dormíamos; isso foi assim até meus seis anos, pois comecei a trabalhar. Eu trabalhava ou morreria de fome!

Mesmo assim, meu pai não me deixou fora da escola. Com doze anos comecei a namorar uma moça e nos casamos e estamos casados até hoje.

Tenho três filhos homens e uma mulher. Meu remorso é que eu não fui um bom pai.

Quando eu tinha cinquenta e seis anos, o meu Guarará parou, com a morte do juiz e sua esposa, num acerto de contas. Eu estava passando e quase morri do coração com os tiros fortes. Minha mulher estava na roça com os meus filhos, quando eu cheguei ela estava aflita com a notícia que ouvira no radinho. Na época a notícia correu Guarará todo.

Eu também fui vereador duas vezes, no tempo do senhor Lair Silvas. Lembro que ele me deu uma lembrança, mas eu não me dava bem com ele, por isso eu não tenho nada do meu tempo de vereador.

Hoje, eu vejo as crianças brincando no celular, jogando e eu penso como era bom antes, com as crianças livres, correndo. Hoje ficam só com o olho na tela. Sei que tem coisas boas e coisas ruins também e por isso o mundo está do jeito que está.

(Entrevista feita com José Geraldo Silveira, 86 anos.)

MINHA HISTÓRIA

Maria Eduarda Oliveira Ferreira – 8^o2

Sou morador da cidadezinha de Guarará, sou serralheiro aposentado, casado e tenho duas filhas.

Meu relacionamento com minha esposa era com muito respeito, tive que ir pedir a mão dela para seus pais, pois os valores daquela época eram outros. Assim como com os meus pais. Era necessário dizer com quem eu iria sair, o horário de chegada, o que eu iria fazer e com quem, como eram as minhas companhias, para sair de casa tinha que pedir a bênção.

As brincadeiras da minha época não mudaram muito, apesar de as crianças de hoje só pensarem em tecnologia, namorar; era bolinha de gude, futebol, pipa, pique-esconde e outras mais.

Houve muitos eventos marcantes em minha vida como desfile de sete de setembro, carnaval e festas na rua, que é completamente diferente de hoje, pois havia muito respeito, educação e os valores eram importantes.

O que mais marcou minha vida foi ter tido a oportunidade de estudar no SENAI, uma escola profissionalizante que ficava em Bicas.

Muitas foram as transformações da nossa cidade de Guarará, a informatização, as mudanças no transporte – trem e bonde para veículos.

Nossa cidade teve muitos descendentes de turcos, libaneses, italianos e portugueses. E muitos deles eram senhores de engenho, de cafés.

Nossa cidade, sempre pacata, faz de vez em quando a gente voltar ao passado e relembrar tanta coisa boa que viveu!

(Entrevista feita com José Tadeu Machado, 65 anos.)

GUARARÁ, UMA VISÃO DO PASSADO

Maria Antonia I. Costa – 8^o 2

Lembro-me como se fosse ontem, meados de 1940 a 1950. Como gostávamos de brincar com nossos brinquedos, enquanto nossos pais trabalhavam! Meu pai trabalhava em uma plantação de café que havia por

essas terras e minha mãe a costurar, lavar e passar roupas - com aqueles ferros esquentados a carvão -, para as mulheres nobres, geralmente esposas de barões. Nós brincávamos de pique, com bonecas feitas a partir de retalhos de pano, entre outras brincadeiras, coisas que as crianças de hoje nunca saberão, só pensam em ficar assistindo televisão e na tal internet.

Eu e meus irmãos começamos a trabalhar muito cedo, para ajudar no sustento da família, não era fácil a vida do pobre, não tínhamos energia elétrica em casa e nem água encanada, tínhamos que buscar nas nascentes ou no rio Salomão e nós tínhamos um medo danado, por causa da lenda que contavam por lá, sobre o Caboclo D'água, uma criatura que seria um sapo enorme ou um meio-humano e meio sapo, que puxava quem se atrevia a andar sobre o leito do rio. Vovô falava que já tinha o visto. Eu, que até hoje tenho medo, não quero nem imaginar essa criatura em minha frente. Essa era uma das muitas lendas que rondavam sobre Guarará.

Existia também a lenda do Padre Seco, que falava de um padre que maltratava sua mãe e após morrer, ele não foi aceito nem por Deus e nem pelo Demônio, ficando assim preso a seu castigo eterno sobre a Terra, destinado a assombrar a propriedade conhecida como Buraco Fundo, que é onde fica o laticínio Tela a vista.

Vínhamos a Guarará para vender leite e verduras que plantávamos, era tudo estrada de chão, as construções pelo centro, casarões, o Grupo escolar, que naquela época não era a única escola de Guarará, havia também uma próxima à Forquilha, que por falta de infraestrutura acabou fechando, deixando muitas pessoas sem pelo menos o ensino fundamental completo, obrigados a trabalhar em fazendas de café, gado, canaviais, entre outras, para ajudar a família. Tem várias coisas de que me arrependo de não ter feito, não ter aproveitado tão bem minha vida, mas tudo valeu a pena para hoje eu estar contando sobre minhas memórias que ainda tenho guardadas.

(Entrevista feita com João Batista, 84 anos.)

ANTIGA GUARARÁ

Vitória Pimentel Zacanini

Ah! A antiga Guarará, cheia de vida e felicidade! Lembro-me bem das antigas fábricas, pessoas trabalhando, sorrindo, voltando para a casa bem felizes, levando alegria para as suas famílias. Não havia roubos, confusões como hoje, eram todos companheiros.

Nossa paisagem bem deslumbrante, nossa praça sempre com vários pássaros fazendo dueto.

As tradicionais festas que uma senhorinha fazia, mesmo sem condições, fazia festa da cana, festa junina e minha preferida, a festa da fogueira, com muita gente festejando e cantando. Festas no centro da cidade, os carnavais, festas da igreja, reunindo pessoas de toda a redondeza, muitas crianças, idosos felizes, casais flertando, a música ao vivo, pois não tínhamos nem caixa de som.

Estudei na atual Escola Municipal Ferreira Marques, desde sempre muito bem reconhecida pelo seu ensino e excelentes professores.

A mininha que antigamente era muito importante para a população, vinham famílias da Forquilha, para buscar sua cristalina água.

O comércio da época era o mercadinho, onde atualmente é o Ensino Médio e na rua da Biblioteca Municipal tinha uma loja de lindos tecidos.

Muitas profissões desapareceram, mas também muitas evoluíram.

Minha infância não foi lá grandes coisas, mas fico feliz de hoje estar contando e lembrando dela.

(Entrevista feita com José Geraldo Silveira, 86 anos.)

LEMBRANÇA TRISTE

Paloma (8º 2)

Era 13h20min, quando pedi para minha mãe se eu poderia comprar balas. As balinhas eram azuis, verdes, vermelhas, até amarelas. Ao chegar lá na venda, pedi a dona Tania, conhecida mesmo como Taninha. Senhora velhinha já, mas vendia umas balinhas maravilhosas.

E todo dia eu me acostumei de ir lá naquela vendinha.

Eram 14h30min, fui lá comprar as balinhas de novo, quando cheguei tinha polícia, bombeiros, tudo ao meu redor. Levei um grande susto, quando eu olhei aquela senhora de olhos fechados, nem se mexendo mais. Fui chegando mais perto, foi aí que eu vi aquela senhora com quem eu comprava as balas. Eu tinha apenas 8 anos, não entendia nada.

Passaram-se dois dias, resolvi voltar lá. Peguei o resto do dinheiro e fui lá comprar as balinhas. Não tinha ninguém, a vendinha estava fechada, foi daí que passava um senhor, perguntei a ele se tinha acontecido alguma coisa e ele me falou que a senhora havia morrido. Fiquei triste com a notícia, porque ninguém vendia umas balinhas boas assim. Agora, nos tempos de hoje é o CRAS que é instalado ali. Quando passo em frente, bate uma saudade daquela senhorinha que morava ali.

(Entrevista feita com João Meneguelli, 84 anos)

HISTÓRIAS

Juliana Costa Pereira – 8º 1

Vou contar uma história que aconteceu comigo na minha juventude.

Em uma manhã de quarta-feira, seguíamos meus irmãos e eu pela estrada a fora. Fui para a escola, chegando lá, logo vi minha amiga amada, conversamos muito. E me sentava atrás e ela logo a frente, quando a professora brigou com ela, eu logo ri, mas não foi por maldade.

Então a professora brigou também comigo e o meu castigo foi sentar com um menino. Foi o pior castigo que eu poderia receber, meu rosto logo ficou corado.

No findar da aula, fui para casa triste, pois achei muito vergonhoso ter que sentar do lado de um garoto. Minha mãe ainda me deu um sermão, chorei muito.

Apreendi a nunca debochar ou rir de uma pessoa, pois isso traz consequências que não queremos.

(Entrevista feita com Leondina Alves, 83 anos.)

SAUDADES

Vitória Souza Mouti – 9º 1

Impossível me esquecer do meu tempo de criança, das minhas raízes.

As brincadeiras eram bem típicas, como a amarelinha, confeccionar bonecas de pano.

Eu morei na roça até meus doze anos, trabalhava muito na roça e dificilmente tinha tempo de brincar. Toda a plantação que meu pai tinha, a gente ajudava a plantar, como milho, feijão, arroz. Eu aprendi a fazer de tudo na roça; em tempo de colheita, lá íamos nós socar arroz, feijão, café no pilão.

Antigamente, na época da Semana Santa, a gente não fazia nada, ficávamos só por conta de rezar, tínhamos uma oração diferente que meu pai mandava a gente fazer todos os dias, durante os 40 dias da Quaresma e tínhamos de dormir na hora certa. Na minha casa, só comíamos peixe nesse período.

A minha época de namoro era bem difícil, meu pai não deixava eu sair com meu namorado sozinha, minha mãe tinha que ir junto com o casal de namorado. Eu comecei a namorar com dezesseis anos e me casei aos 19, fiquei muito tempo namorando. E meu pai sempre ali, tomando conta.

Bons tempos, pois éramos respeitadas pelos rapazes, tínhamos a família sempre à frente, olhando, vigiando e nos conduzindo.

(Entrevista feita com Maria Aparecida de Oliveira, 78 anos.)

NATAL NO PASSADO

Kauã Eufrásio de Oliveira e Antônio Henrique – 8º 2

Antigamente, em Guarará, acontecia uma festa, no dia 25 de dezembro, no Natal. No dia 24, a senhora Rosália, esposa do senhor Oliven, organizava uma pequena festa de Natal para as crianças da cidade.

Ela passava de casa em casa perguntando aos pais das crianças o que os filhos deles queriam ganhar de Natal. Ela escrevia quais eram os presentes em uma folha de papel. Depois os pais compravam os presentes do filho e entregavam para dona Rosália.

A casa era decorada com árvore de Natal, com os presentes debaixo da árvore.

No dia seguinte, dona Rosália organizava uma festa em sua casa, junto com seu marido e dois amigos. Um se vestia de Papai Noel e entregava os presentes, outro dirigia o seu carro, um Ford 29.

Dona Rosália levava as crianças para uma pequena sala e fechava a porta para o Papai Noel se preparar para entregar os presentes para as crianças. Ele vinha tocando um sininho para que as crianças soubessem que ele estava chegando. Quando o sininho parava de tocar, a senhora Rosália abria a porta para o Papai Noel. E a alegria era geral.

As crianças se divertiam, brincavam, comiam pipoca, bebiam Coca-Cola, até o Papai Noel entregar todos os presentes, pois ele tinha que ir entregar presentes em outros lugares. O melhor para as crianças era receber os presentes que tinham escolhido. Era uma alegria!

Depois de toda aquela festança com a presença do Papai Noel, íamos para nossas casas, comemorar o Natal, cada um com sua família.

(Entrevista feita com Maria das Graças Massucato, 64 anos.)

BONS TEMPOS DE GUARARÁ

Yasmim Vieira – 9º 1

Ah, Guarará! Temos muita história para contar!

Lembro-me como se fosse hoje quando iniciamos a Escola de Samba em Guarará! Construimos tudo quase sem recursos, mas conseguimos erguer a Escola de Samba Unidos da Praça, inaugurada em 17 de julho de 1982. Formamos uma diretoria de 80 sócios. Antônio Carlos da Rocha, Coronel José Luiz, Angélica, Luiz de Jorge (compositor e cantor), Regina, Nilo Gonze, Luiz Gomes, eu, Francisco Antônio, e outros que não me lembro agora.

O primeiro presidente fui eu, que fiquei dois anos no cargo.

Naquela época, na inauguração, tivemos a presença do candidato a governador de Minas Gerais Tancredo Neves e o candidato a senador Itamar Franco.

Quando a escola saiu para desfilar pela primeira vez, tinha 166 instrumentos, dois carros alegóricos e uma sede própria.

Tínhamos mais de 200 integrantes, tinha até a ala de baianas.

Bons tempos que não voltam mais!

(Entrevista feita com Francisco Antônio Guarniere Moreira, 71 anos.)



No centro, o candidato a Governador Tancredo Neves, do seu lado esquerdo o candidato a senador Itamar Franco e o prefeito professor Antônio Carlos da Rocha.



No centro, Francisco Antônio, presidente da Escola de Samba Unidos da Praça.

MEMÓRIAS CARNAVALESCAS

Rafaela Arcanjo Costa – 9º 1

Lembro-me como se fosse ontem, era fevereiro de 1983, a cidade toda estava alvoraçada, ninguém ficava em um só lugar, todos corriam de um lado para o outro, cuidando dos preparativos. Faltava apenas uma semana para o evento tão esperado: o carnaval.

Não seria um carnaval qualquer, como os outros que já aconteceram em Guarará. Este prometia ser um dos melhores, o que ficaria para a história, seria o primeiro carnaval que a cidade teria uma escola de samba. Afinal, sabe-se que um lugar pequeno como nossa Guarará, seria o último que esperariam sair uma escola de samba.

O projeto estava finalmente saindo do papel. A rainha da bateria, o maestro, a percussão, os porta-bandeiras, destaques, alas, já estava tudo decidido. A única coisa que faltava era que fosse organizado no grande dia.

As cidades vizinhas foram avisadas, as pequenas pensões ficavam lotadas com os visitantes que alugavam quartos para passarem o carnaval na pequena Guarará.

Os holofotes, dessa vez, iluminavam a pacata cidade, a atenção era sua.

Com o passar do tempo, todos se organizaram, a escola de samba estava a postos para o grande e belo desfile carnavalesco. Realmente, como o esperado, a festa foi a melhor de todas, fotos foram tiradas por máquinas de tal ofício, algo certamente incomum naquela época. É uma pena que a escola de samba não tenha perdurado por muito tempo, pois carnavais como aquele realmente fazem falta.

(Entrevista feita com Sebastião Chagas Teixeira, 60 anos;)



Senhora Angélica Terezinha de Assis, destaque da E. S. Unidos da Praça.

O NAMORO ANTIGAMENTE

Suzane Rodrigues de Souza – 9º 1

No passado, os namoros eram sob vigia dos pais. Naquela época, tudo era mais severo e os valores eram seguidos e passados de pai para filho.

Quando as moças alcançavam uma certa idade e queriam namorar um rapaz, os pais tinham que ser os primeiros a saber e sem a aprovação deles, não existia namoro, nem sequer a “paquera”.

Quando começava o namoro, o casal se sentava no sofá e um dos pais ao meio. E passado pouco tempo de namoro, o casal tinha que se casar e construir sua própria família.

Depois de casados, o casal tinha liberdade e podiam viver livres e tranquilos.

(Entrevista feita com Maria Aparecida Silva Souza – 72 anos.)

MINHA VIDA PACATA

Maria Antonia Barbosa – 9º 1

Eu nasci em Guarará e gosto muito daqui, pois é uma cidade muito tranquila.

Lembro-me que o povo era mais unido, todo mundo se conhecia. Era uma época em que os filhos respeitavam muito seus pais, muito diferente de hoje em dia.

As crianças, na minha infância, se divertiam muito mais. Eu adorava brincar de queimada, bolinha de gude, boneca, etc. Nós brincávamos até o anoitecer, nem sabíamos o que era televisão!

A escola que na época era estadual, era muito legal! Eu gostava muito dos professores. Nunca fui nenhum gênio, mas gostava muito da escola e tirava notas boas e nunca repeti de ano.

Deixei a cidade com dez anos de idade, porque aqui não tinha oportunidades de trabalho. Embora a cidade fosse tranquila, teve um ocorrido muito triste, na época, que foi o assassinato do juiz Isoldino da Silva e sua esposa.

Fui morar em Juiz de Fora, porém vinha muito a Guarará, visitar os amigos. Voltei para cá com trinta e nove anos e a cidade continuava a mesma, sempre muito tranquila.

Eu amo minha terra natal, chamada Guarará!

(Entrevista feita com Maria Augusta Campos de Menezes – Guta, 68 anos.)

NOTÍCIA TRISTE PARA GUARARÁ

Thayná – 9º 1

Entre tantas notícias que correm por uma cidade tão pacata como Guarará, tem sempre alguma da qual nunca nos esquecemos.

O senhor Antero Dias da Rocha foi prefeito em Guarará por dois mandatos, era muito querido por todos, pois era um homem muito bom e muito sério.

No dia 17 de março de 1991, chegou em minha casa uma notícia muito triste, de que o nosso querido prefeito havia falecido. No começo eu não acreditei, mas infelizmente era verdade.

Como de costume, nosso prefeito estava fazendo visita aos moradores do bairro do Rosário, aqui em Guarará, quando foi acometido de um infarto fulminante. Imediatamente a notícia se espalhou e todos os setores públicos municipal e estadual fecharam suas portas, decretando luto de 7 dias.

Prefeito de boa índole, marcado no município com suas inúmeras obras que levantou a cidade.

O pedido feito pelo prefeito bem antes de morrer foi realizado, queria ser carregado pela escadaria do cemitério. No dia de seu velório, assim foi feito, todos nós da cidade estávamos lá.

Ao chegar à sepultura, foram feitos três discursos: pelo senhor Pedro Carreiro, pelo deputado Elmo Braz e pelo seu sobrinho Antônio Carlos.

Esse foi um fato que marcou nossa cidade e do qual me lembro com tristeza.

(Entrevista feita com Afonso de Almeida Souza, 95 anos.)

ANTIGO GUARARÁ

Alice de Castro Rodrigues – 9º 1

Guarará, apesar de ser uma das muitas cidades mineiras que não se desenvolveu muito, teve suas mudanças.

Lembro-me como se fosse hoje, o trem urbano que passava perto de Guarará, a época em que as pessoas iam assistir à televisão em Bicas, porque em Guarará só tinha duas televisões. Nessa época, a praça não tinha iluminação.

Tudo mudou bastante de 1982 em diante, após criarmos a escola de samba; criamos com o intuito de mudar a política da cidade, pois era uma cidade muito pacata.

Eu era o presidente da escola de samba e todo carnaval era assim, ensaiávamos o ano todo, dávamos o nosso máximo para criar as roupas e no final era um sucesso! Arrastávamos a multidão e sempre recebíamos elogios de pessoas importantes.

O povo de Guarará, sem dúvida, era muito mais unido do que é hoje. Todos davam bastante valor para a família.

O namoro era coisa muito complicada, pois como era cidade pequena, não adiantava namorar escondido e acabava tendo que contar para os pais; o namorado ia para a casa da namorada e quase nem podia dar as mãos, pois a mãe não deixava.

Como tudo na cidade evoluiu, com as roupas não seria diferente. Apesar da maioria das roupas estarem voltando para a moda, antigamente usávamos calça boca sino, pochete, cabelos longos e grandes barbas.

Apesar de Guarará ainda não ser tão desenvolvida, mudou 80% do que era antes. E continua sendo um paraíso para se viver.

(Entrevista feita com Francisco Antônio Guarniere Moreira, 71 anos.)

A MORTE DE PEQUIRA

Kailany Marques – 9º 2

Há uns sessenta anos atrás, em Guarará, havia um garoto mulato, baixo, chamado Pequirá, que só andava descalço e correndo, usando sempre um chapeuzinho na cabeça.

Todos na cidade gostávamos muito dele, mas se o chamássemos para vir a nossa casa às 11 horas, ele dizia que não podia, pois tinha que estar na casa de uma senhora para almoçar.

Todos os favores que pedíamos para que ele fizesse, fazia sempre com muita boa vontade, carinho, amor e tudo sempre correndo. Quando brincávamos com ele, chamando seu nome, Pequirá dava um pulinho de lado, falando "Sai pra lá".

Se pedíssemos para ir até Bicas comprar algo, quando pensávamos que ainda estava em Bicas, já estava de volta, aqui em Guarará.

Até que um dia uma senhora pediu para ele ir até Bicas comprar um retrós de linha, então foi correndo como sempre, mas não voltou. Pequirá tinha costume de passar pela rua do Quartel e para cortar caminho, pegava um atalho pelo pasto, que saía no bairro do Areal.

Muitas pessoas foram atrás dele, pois todos já estavam preocupados com a demora, afinal ele sempre fazia tudo correndo. Encontraram-no desacordado, chamaram o médico, o mesmo deu como se Pequira estivesse morto.

No dia do seu velório, quase todas as pessoas de Guarará estavam lá, pois ele era muito querido por todos. No momento do enterro, quando o caixão se abriu, Pequira deu um pulo para fora; muitos saíram correndo e outros caíram desmaiados. Quando vimos, ele já estava lá perto da praça, correndo direto para casa.

Pequira ficou três dias em casa e quando saiu, perguntaram:

- Onde você estava, Pequira? Por que se trancou?

E ele respondeu:

- Fui dormir e começaram a me tampar terra.

Ele viveu uns oito a dez anos mais. O dia em que ele morreu mesmo, ficou três dias na Capela de São Sebastião e só o enterraram depois dos três dias, para ter certeza de que ele estava realmente morto.

Ah! E todos nós ficamos muito tristes com a morte daquele menino, o Pequira!

(Entrevista feita com Lucy Bertelli Correia Rossi, 78 anos.)

O PADRE NEGRO

Thamires Quina Ferreira – 9º 2

Há algum tempo atrás, em Guarará, todos presenciaram a chegada de um novo padre no município. Porém, geralmente as pessoas, naquela época, demonstravam um certo incômodo pela cor da pele negra.

O padre que havia chegado era negro, o que gerou uma repercussão enorme. Em suas missas, poucos fiéis compareciam para assisti-las e ele sempre atendendo todos com o devido respeito, tendo em pensamento que as pessoas iriam acabar se simpatizando por ele, pois aqui estava há pouco tempo ainda.

Passaram-se vários meses e continuava a mesma situação. Ele foi ficando furioso e cansado da rejeição, tomou uma atitude. Decidiu sair da cidade e assim o fez. Arrumou suas malas imediatamente. Ao entrar no carro, ele deixou até mesmo seus sapatos, pois não levaria nem a poeira dessa cidade que tanto o rejeitou. Dizem que ele falou que Guarará nunca iria prosperar, e assim não se ouviu mais falar sobre o padre.

Até hoje, quando conversando, comenta-se que em Guarará nada vai para a frente, a cidade não desenvolve, tem sempre alguém para lembrar da praga do padre negro.

(Entrevista feita com Luzia Helena de Freitas, 53 anos.)

A TAL SIRENE

Eduarda Araújo – 9º 2

De tantas histórias que passei e vivi, há aquela que ficou nos meus pensamentos.

Era o ano de 1954, eu tinha apenas cinco anos de idade, estava a brincar na fazenda onde meus pais trabalhavam, a famosa Fazenda 44.

Lá estava eu, brincando de correr e pular, até que uma sirene alta tocou, meu coração logo palpitou depressa. Junto disso, ouvi uma voz me gritando, fechei os olhos com medo, não conseguia me mover, estava paralisado. Pouco tempo depois a sirene ainda tocando, chegou mamãe, com medo, me pegou no colo e me levou para casa.

Quando ela abriu a porta, eu vi papai já em casa, o que já era meio anormal, meus irmãos todos sentados no chão apreensivos.

Mamãe logo pegou um radinho velho que tínhamos e o ligou. Em poucos minutos ouvimos: "O nosso presidente Getúlio Vargas acabara de falecer."

Papai, ao ouvir aquilo, logo se levantou indignado e com seus olhos emaranhados de lágrimas, pois ele entendia que não haveria outro presidente que cuidaria tão bem dos pobres.

Foi um momento de tristeza e desentendimento para uma nação e principalmente para Guarará.

Após três dias de luto, vi que as coisas começariam a apertar em minha casa e percebi que iria começar a trabalhar em breve. E foi o que aconteceu, com meus oito anos já trabalhava, ganhava cinco cruzeiros por dia, para ajudar no sustento da minha família.

Arrependo-me de não ter estudado e de não ter aproveitado minha infância.

Hoje, com meus 69 anos, aprendi que a vida deve ser vivida apesar das circunstâncias.

Tenho meus arrependimentos, mas também agradeço a Deus pelos meus três filhos e também pelo meu casamento de 47 anos. Posso, sim, dizer que sou um homem realizado.

(Entrevista feita com Antonio de Araújo, 69 anos.)

UM POQUINHO SOBRE GUARARÁ

Tamiris dos Santos Archanjo e Gabriel Pacheco de Oliveira – 8º 1

Sempre fui moradora de Guarará, sou funcionária pública e desde minha juventude ofereço meu trabalho leigo na Igreja Católica.

Na minha infância e juventude, lembro perfeitamente que vivíamos felizes com o pouco que possuíamos. O tempo custava mais a passar. Construíamos nossos próprios brinquedos. Nossa infância era mais longa e mais feliz. O Natal custava a chegar. E o carnaval? Nem se fala! Tudo era divertido e colorido.

O namoro era sempre na casa da namorada. A namorada preparava a casa para receber o namorado. Tudo muito limpo e arrumado, para demonstrar que seria uma boa dona de casa.

Frequentava a escola, as crianças da zona rural vinham a pé. Não tinha merenda para todas as crianças, somente para as mais pobres. As salas eram cheias e as professoras ministravam as aulas com muito proveito.

O nosso relacionamento com os pais! Nem fala! Era muito bom, com muito amor e respeito, sem contar nas histórias que eles contavam. Uma delas me lembro até hoje, que é a história do senhor Nicanor e dois amigos que estavam em uma roça, à noite de lua cheia e dizem que à meia noite o senhor Nicanor saiu correndo para o alto do morro, e seus amigos, assustados, foram

também. Quando chegaram lá, se depararam com um bicho enorme, peludo e com olhos vermelhos. Não tiveram dúvidas de que era um lobisomem, eles deram uma paulada no braço do lobisomem e saíram correndo. No outro dia, o senhor Nicanor apareceu com o braço enfaixado e todos desconfiaram que ele era o lobisomem. Essa era uma das histórias que meus pais contavam, que ficou guardada até hoje, nas minhas lembranças.

Sobre nossa comunidade, ela originou-se da doação de 40 alqueires de terra, onde se formou o Curato do Espírito Santo, depois a Vila do Espírito Santo e mais tarde, o município de Guarará. Hoje, belos sobrados e casas foram demolidos.

O campo de trabalho da minha época eram a fábrica de massa de tomate, a lapidação e com o passar do tempo, as oportunidades de profissões foram mudando, celeiros, carpinteiros, serralheiros, entre outras.

Na minha juventude, tínhamos muitas distrações saudáveis, teatros, carnaval, festas religiosas. Nossa cabeça tinha ocupação o ano inteiro.

Que saudades desse tempo!

(Entrevista feita com Maria das Graças Massucato, 64 anos.)

LEMBRANÇAS

Liz Regina A. Pedra – 8º 1

Não sei nem por onde começar, quando se trata de memórias. Tenho boas e ruins e de muita coisa não me lembro.

Sempre vivi na roça e diferente das outras crianças, não precisava trabalhar, tinha tudo.

Eu estudava sim, comecei na Escola Rural José Maurício, pois era de melhor acesso, na época não havia pré-escola, nem nada. Mas logo depois fui para o grupo Escolar Ferreira Marques, que foi minha segunda e melhor escola. Não querendo me gabar, sempre fui a melhor aluna da sala, fazia valer meu esforço de todos os dias. Meu trajeto para a escola eram duas horas a pé, atravessávamos uma pinguela, eu morria de medo, carregávamos nossos materiais em um embornal que nossos funcionários ou mães faziam.

Em um dia desses, em 1945, passava eu pelo trajeto todo, normalmente. Sem perceber, havia pisado em uma pedra de ponta que fez meu pé sangrar, cheguei a achar que eu ia morrer ali mesmo.

Longe de casa, sem sapatos, o jeito era permanecer caminhando até o meu destino, a escola.

Hoje, 2018, carrego essa marca da ferida, que não me matou, mas me deu forças para permanecer, consegui meu diploma, embora esses e outros problemas tenham cruzado meu caminho.

(Entrevista feita com Leondina Alves, 83 anos.)

A PINGUELA DOS ALEIJADOS QUE COMIAM CRIANÇAS

Maria Eduarda Andrade – 8º 1

Meu pai um dia estava cortando algumas madeiras, eu perguntei o que ele estava fazendo e não me respondeu. De tarde, ele me disse que fizera uma pinguela para atravessar o riacho que tinha perto do sítio onde morávamos.

Então, no outro dia, me arrumei para ir à escola e como para ir à escola meus irmãos e eu tínhamos que passar pelo riacho, atravessamos pela pinguela e fomos.

Quando voltamos, deparei com dois aleijados à beira da pinguela; na hora suei frio e me enchi de temor, respirei fundo e ... sai correndo e deixei meu embornal de levar merenda cair no rio. Continuei correndo, mas chorando por perder meu embornal.

Cheguei em casa, olhei para papai com meus olhos vermelhos de tanto chorar e suada de correr, contei para ele o que tinha acontecido e rindo ele me disse que não era para ter medo, pois aqueles pobres aleijados estavam ali, apenas para pedir esmolas. Enquanto papai tentava me acalmar, mamãe fazendo aqueles deliciosos bolinhos de chuva, me disse que eram os aleijados do meio dia que engoliam crianças.

Depois disso, nada tirava meu medo por aleijados, só sei que depois daquilo, comecei a chamar a pinguela de A PINGELA DOS ALEIJADOS QUE COMIAM CRIANÇAS.

Atualmente, lembrando dessa história, penso que nunca vivi uma aventura marcante como essa.

(Entrevista com Leondina Alves, 83 anos.)

SAUDADES DO MEU TEMPO

Maíra Caetano Gonçalves da Silva – 9º 2

Sinto saudades do meu tempo de criança, era muito bom, apesar de eu ter perdido minha mãe muito cedo.

Eu morei na roça durante trinta e quatro anos, ajudando o meu pai na lavoura e em casa. Eu nunca frequentei escola, sempre trabalhei em casa e na lavoura, cuidava dos meus irmãos mais velhos e cuidei também de minha irmã doente.

Lembro-me bem de como era a rotina, todos os dias na roça. Levantava de madrugada, fazia o almoço, arrumava minha marmita e do meu pai, para quando chegasse em casa lavar as vasilhas.

Mudei-me para Guarará há cinquenta anos. Aqui existia jornal, hospital, fábrica de tecidos e isso tudo acabou com o passar do tempo.

As ruas não eram asfaltadas.

Sinto saudades do meu tempo de criança, porque apesar de trabalhar muito e ajudar em casa, eu sempre tinha um tempo para brincar com os meus irmãos.

O meu pai era uma pessoa muito legal, pois passávamos a maior parte do tempo juntos.

Hoje, tenho oitenta e quatro anos, continuo sendo moradora de Guarará e amo essa cidade.

(Entrevista feita com Laíde Maia, 84 anos.)

MINHAS MEMÓRIAS

Ketryn Eduarda L. Afonso – 9º 2

Tenho ótimas lembranças da minha juventude, tive ótimos momentos em Guarará!

Mas, a melhor lembrança que tenho foi quando trabalhei como professor de Educação Física, no Instituto Dona Selva!

Eu adorava trabalhar lá, sempre que eu chegava, todas as crianças corriam para me receber, todos muito empolgados.

Durante as aulas, até as crianças menores queriam participar. Eu gostava tanto de trabalhar lá, tanto, que eu nem cobrava pelo serviço.

Chegamos até a passar por alguns problemas de ordem financeira. Mas resolvemos todos aqueles que surgiam, na época.

Às vezes sinto falta de lá, sinto falta das realizações, de poder ver o sorriso no rosto das crianças. Queria poder voltar no tempo e reviver todos aqueles bons momentos!

(Entrevista feita com Gessé Afonso, 73 anos.)

GUARARÁ NO PASSADO, UMA FAZENDA QUE VIROU CIDADE

Uelson, Vitória, Isabeli e João Lucas Arcanjo – 8º 2

Lembro que Domingos Ferreira Marques era o dono de uma grande fazenda que aos poucos foi se tornando a cidade de Guarará.

Começaram a construir as primeiras casas, a Escola Municipal Ferreira Marques, uma pequena loja de tecidos e não podemos esquecer da mina.

Na minha época, não existia o colégio do Ensino Médio, era um casarão de dois andares e embaixo era um mercadinho. Depois foi a Escola Castro Alves. Infelizmente o casarão foi demolido e construíram um prédio novo, onde hoje funciona a Escola Estadual de Ensino Médio Professor Irineu Guimarães e embaixo o Telecentro e a Secretaria de Saúde. Onde é a Prefeitura era o Fórum e de frente era um bar, o bar do Zé Abraão.

Em Guarará existia uma cadeia, que ficava perto de onde é a oficina do Zezé, em frente a Metalúrgica Ribeiro, mas ela foi demolida. Existia também uma loja de tecidos, perto da rua da Mininha e da Biblioteca Municipal. As pessoas de cidades vizinhas buscavam a água cristalina na famosa "mininha". As ruas ainda não eram asfaltadas, eram estradas de terra com cascalhos, existiam bambuzais por toda parte de Guarará.

Havia também muitas fábricas, como a fábrica de molho de tomate, a lapidação, a fábrica de vassouras e a de atadura.

A vida era sacrificada, mas as pessoas eram muito felizes, havia mais respeito pelas pessoas. Os filhos respeitavam mais os pais e eram bons alunos, não respondiam os professores. Na escola, não davam material escolar para os alunos, tinham que dar o jeito, pois muitos não podiam comprar e usavam papel de pão.

O jeito de namorar era completamente diferente, a moça não podia ficar sozinha com o namorado, a moça ficava de um lado, o pai no meio e o rapaz do outro lado.

As festas e os carnavais eram feitos em um clube, menores de 18 anos não entravam, existiam as marchinhas, os grandes bonecos de pano e era raro as pessoas beberem e se enfiarem em brigas.

Nossas brincadeiras eram muito alegres, pois não existiam celular, assim, todos brincavam.

Guarará mudou muito, tanto na paisagem quanto nas construções e eu espero que continue a progredir e a crescer.

(Entrevista feita com Teresinha Minatelli Gonze, 83 anos.)

MINHAS MEMÓRIAS

Lucas Henrique Silva Carcereri – 8º 1

E lá estava minha tia, na mesma rotina de sempre, acordando meus primos e eu, às pressas, pois tínhamos um longo caminho para a escola!

Morávamos em um “sitiozinho” localizado em um pequeno município chamado Guarará; íamos a pé para a escola, por isso o motivo da pressa; saíamos de casa e ainda estava escuro, mas não podíamos esperar e tínhamos que ir andando. Estudávamos até a quarta série, depois disso, íamos trabalhar. Trabalhávamos em um sítio, na plantação de milho e na criação de gado, ajudávamos a tirar leite e cuidávamos do gado.

Guarará, uma cidadezinha pequena, não tinha quase nada, o jardim meio sem vida, as ruas de terra, poucas casas e as poucas que tinha eram de pau a pique. Mas Guarará ia crescendo aos poucos.

É como eu ia dizendo, foi crescendo, foram criadas algumas fábricas e uma delas que ficou bastante conhecida e empregou muitas pessoas foi a lapidação; foram construídas mais casas e de acordo com que foi crescendo, também foi se modernizando.

As ruas foram asfaltadas, no jardim foram plantadas mais árvores, tornando-o mais bonito. Em geral, Guarará é uma cidade de muitas histórias vividas por mim, cidade onde eu morei desde pequenina e que hoje fico feliz de relembrar o que por lá vivi.

(Entrevista feita com Marluce, 71 anos.)

UM POUQUINHO DE GUARARÁ

Maria Clara Silva Soares – 9º 2

A Escola Municipal Ferreira Marques é um grande orgulho para nossa Guarará, com seu belíssimo prédio, bem no centro da cidade.

Creio ser importante contar que nossa escola comemorou cento e nove anos de existência no dia 30 de maio de 2018.

O seu primeiro diretor foi o professor Fausto Gonzaga, empossado em 15 de abril de 1909, antes mesmo da inauguração da escola, que ocorreu em 30 de maio do mesmo ano.

A primeira professora foi a senhora Maria do Carmo Monteiro Cunha.

A Escola Municipal Ferreira Marques, ao longo de todo esse tempo, vem prestando um enorme trabalho à comunidade guarareense, dando uma formação de qualidade aos jovens e adultos que buscam um futuro promissor.

É fato dizer que o povo que possui memória, faz sua história...

Falar de Guarará é nunca se esquecer de que a cidade possuiu duas lojas de tecidos e aviamentos na Praça do Divino, na década de 50. Seus donos eram os senhores Massaud e Abdo Gabriel. Quantas roupas foram confeccionadas com tecidos comprados nas lojas pelas costureiras de nossa cidade, mães, que além de todo serviço da casa, educação dos filhos, ainda costuravam para toda a família!

(Entrevista feita com Solange de Jorge Souza, 63 anos. Ex-diretora e professora da Escola Municipal Ferreira Marques, reside em Guarará.)



UMA MEMÓRIA JAMAIS ESQUECIDA

Tauane Oliveira da Silva – 9º 2

Sempre morei aqui, na cidade pacata de Guarará.

Quando ainda jovem, presenciei um fato que me abalou muito e jamais saiu da minha memória.

Era por volta de umas cinco horas da tarde, estava eu indo catar lenha do outro lado do asfalto, pois naquela época muitos não tinham fogão a gás para cozinhar. Havia mais pessoas comigo e então ouvi barulhos de pneus derrapando no asfalto e de repente me deparei com um terrível acidente, bem ali diante dos meus olhos.

Uma Kombi, cheia de pessoas que estavam indo a uma festa, várias pessoas feridas, caídas ali no chão, o corpo de uma jovem, não queriam que eu visse aquela cena, mas eu vi. A cabeça daquela linda jovem estava do outro lado, foi arrancada do corpo, pelo impacto. Muitos diziam que ela estava olhando na janela, no momento do acidente.

Aquela cena me deixou em choque por dias e marcou em minha memória até hoje.

(Entrevista feita com Maria Lucilene de Oliveira da Silva, 57 anos.)

MEMÓRIAS DA TERRA

Vitória Maria Pires Silveira – 8º 1

Desde 1969 que moro em Guarará.

Existia em minha rua um quartel, onde moravam muitos policiais que eram do município.

Após a tragédia que ocorreu na cidade, entre 1960 e 1962, houve uma eleição e logo após Maripá foi emancipada e a cidade de Guarará ficou com o eleitorado menor.

Conheci Guarará também com um comércio muito grande. Com a chegada do trem, em Bicas, a cidade se desenvolveu muito bem.

Na minha infância, as coisas não eram fáceis, principalmente a escola, não tinha transporte para as crianças, que chegavam à escola a pé, descalças algumas, pois algumas tinham condições melhores. Hoje não é o mesmo, pois existe muita facilidade.

A partir de 1982, tive minha história política em que fui vereador por três vezes e na época, pela primeira vez houve um prefeito analfabeto.

Sou grato pelas minhas conquistas em Guarará, hoje com meus 78 anos.

(Entrevista feita com Sebastião Silveira, 78 anos.)

MINHA VIDA EM GUARARÁ

Arthur José de Souza Oliveira – 9º 2

Moro em Guarará desde meus 34 anos. Fui criado em uma fazenda e me mudei para cá em 1975.

Lembrando um pouco sobre antigamente, o jeito de namorar era bem diferente de hoje em dia, eram os rapazes para um lado e as moças para outro, sendo sempre monitorados pelos pais, que na época eram muito rígidos e não aceitavam nenhum tipo de opinião.

Em relação à escola, lembro-me que andava cerca de 6 Km para chegar até lá e aprender coisas novas com os professores que tinham um ensino muito exacerbado.

Minha infância nunca foi fácil, perdi meu pai com oito anos, mas sempre tive minha mãe presente em minha vida.

Eu e meus irmãos sempre trabalhamos para ajudá-la em suas necessidades e para manter o sustento da casa.

Apesar das dificuldades, todos crescemos e nos tornamos pessoas de bem.

(Entrevista feita com Geraldo Barboza de Souza.)

MINHA VIDA NO PASSADO

Maria Eduarda Oliveira Barretti

Eu me lembro de quando eu era pequena e ia brincar no terreno, perto da minha casa, todo domingo. Eu e meus irmãos não aguentávamos mais as brigas de mamãe e papai dentro de casa, pois meu pai bebia e batia em minha mãe.

Eu me lembro de um dia em que estávamos todos nós brincando, quando meu pai saiu e bateu a porta de casa e deixou mamãe toda espancada, deitada no chão e todos nós fomos lá, ver o que estava acontecendo. Quando chegamos, mamãe estava chorando, querendo que nunca fizéssemos isso com nossa família.

Um ano depois disso, meu pai veio a falecer e mamãe ficou atordoada, pois não sabia quem iria sustentar nossa casa. O pouco que a gente tinha não era o bastante para sustentar 12 pessoas, contando com minha mãe. Mas depois de um tempo, mamãe ficou aliviada, porque não ia mais passar por aquilo tudo de novo com nosso pai, porque tudo que meu pai fazia era por causa da bebida. E aí os dias foram passando e cada vez mais faltava comida dentro de casa. Mamãe procurava emprego e não achava.

Eu me lembro de consolar meus irmãos mais novos. Mas isso ainda é muito triste de se lembrar.

Eu passei no concurso do Estado em Juiz de Fora para Técnico de Saúde Bucal, daí me transferi para Bicas, tive minha filha. Escolhi Guarará para ser a minha morada, aqui fui bem aceita e luto por uma cidade melhor.

De tudo que passei e me veio agora à lembrança, a certeza que tenho é de que tudo que passei só me incentivou a buscar novos rumos e não me perder, pois lutei e tentei conseguir dar o melhor de mim em tudo. Não sou perfeita, mas venci!

(Entrevista feita com Sandra Mara – 54 anos.)